



Prazer em Ler

Um roteiro
prático-poético para
introduzir qualquer
um e quem quiser nas
artes e artimanhas
das gostosices da leitura.





Prazer em Ler

Um roteiro prático-poético
para introduzir qualquer um
e quem quiser nas artes e
artimanhas das gostosices
da leitura.

Um desafio para a coletividade



De tempo a tempo, nós do Instituto C&A fazemos paradas técnicas a fim de refletir sobre nossa atuação. A questão central que baliza nossas conversas é sempre a mesma: em que medida estamos conseguindo nos tornar paulatinamente dispensáveis como instituição?

O que buscamos saber, em essência, é se nossas ações estão contribuindo de modo significativo para o cumprimento da nossa missão de promover a educação de crianças e adolescentes, por meio do apoio a organizações sociais voltadas a esse fim.

Em um país na situação do Brasil, devo admitir que não se trata de uma missão fácil. Indicadores primários de educação revelam que cerca de 12% dos brasileiros com mais de 15 anos são analfabetos¹. São 14,6 milhões de pessoas incapazes de realizar tarefas simples que envolvam a decodificação de palavras ou frases.

Outros dados inquietantes têm vindo a público pelo Instituto Paulo Montenegro, na série de pesquisas intitulada Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf). É considerada alfabetizada funcional uma pessoa capaz de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto

¹Fonte: IBGE/2002

social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

A quinta edição do Inaf, divulgada em setembro de 2005, mostra que apenas 26% dos brasileiros com idade entre 15 e 64 anos têm domínio pleno da leitura e da escrita, isto é, conseguem ler textos longos, localizar e relacionar mais de uma informação, comparar dados, identificar fontes. Entre os 74% restantes, as habilidades de leitura e escrita são de nível rudimentar ou básico, ou seja, limitam-se à compreensão de títulos, frases e textos curtos, ou até menos que isso.

Uma das principais conquistas da virada do século na área de educação no Brasil foi a universalização do ensino fundamental. Existe escola para praticamente toda criança do país, mas ainda convivemos, em grande medida, com problemas cruciais para o desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes, a exemplo de baixo aproveitamento, reprovação, distorção idade-série e evasão escolar. Estar matriculado na escola não basta. É preciso aprender.

Desde que foi fundado, em 1991, o Instituto C&A apoiou mais de mil projetos de educação em instituições sem fins lucrativos de todas as regiões brasileiras. Nessa caminhada, vivenciamos uma verdade já incontestada para muitos educadores: a de que o domínio da leitura e da escrita é passo inicial, condição sine qua non para nos ascender, enquanto sociedade, à cidadania plena. É sob esse pano de fundo que nasce o programa Prazer em Ler.

O Prazer em Ler é uma frente de trabalho direcionada à formação de leitores e do gosto pela leitura, que foi construída com o suporte técnico do CENPEC. Ela se materializará por meio do apoio a projetos comprometidos com essa causa, bem como da formação de mediadores de leitura — educadores de instituições sociais parceiras do Instituto C&A e voluntários. A publicação que vocês têm em mãos foi desenhada para dar respaldo à formação de mediadores de leitura, principalmente educadores.

Em sua concepção, o Prazer em Ler considerou uma ampla sondagem efetuada com nossos parceiros nos últimos dois anos. Tal escuta nos ensinou que ações de desenvolvimento da leitura e da escrita despontam como denominador comum no dia-a-dia das instituições, seja nas diversas linguagens da arte-educação, seja na educação pela comunicação, na educação pelo trabalho, no apoio ao ensino formal. A proposta do Prazer em Ler é imprimir maior intencionalidade a esse processo, de modo que o fomento à leitura seja perseguido como um resultado explícito.

A preocupação em capacitar nossos voluntários para atuar como mediadores de leitura nas instituições integrantes do programa, por sua vez, tem triplo sentido: arregimentar e qualificar pessoas para atuar em favor do in-

centivo à leitura, criar condições para que as atividades dos voluntários e das instituições estejam bem concatenadas e, por fim, conferir unicidade à ação do voluntariado do Instituto C&A.

Vale lembrar que o programa Prazer em Ler não é nem será a única bandeira do Instituto C&A. Nossas outras ações continuarão seguindo o seu curso. Temos ciência, porém, de que o caminho que estamos inaugurando não se encerra em si mesmo. Articulações interinstitucionais, trabalho com famílias, ações de desenvolvimento comunitário são territórios nos quais vislumbramos trafegar, utilizando o incentivo à leitura como porta de entrada. O conteúdo que este caderno reúne nada mais é que um convite para que as instituições somem seus esforços aos nossos. Sejam bem-vindos a essa nova viagem.

Paulo Castro
Instituto C&A





Prazer em Ler

Um roteiro prático-poético
para introduzir qualquer um
e quem quiser nas artes e
artimanhas das gostosices
da leitura.



Iniciativa



Diretor Presidente
Paulo Castro

Coordenadora de educação
Alais Ribeiro Ávila

Coordenadores de projetos
Áurea Maria Alencar R. de Oliveira
Alais Ribeiro Ávila
Cristiane Felix dos Santos
Fernando Manzleri Héder

Coordenadora do Programa
Áurea Maria Alencar R. de Oliveira

Assistentes do Setor Administrativo
Carolina Cruz G. Câmara
Kátia Ramos
Solange Martins

Realização



Diretora Presidente
Maria Alice Setúbal

Coordenadora geral
Maria do Carmo Brant de Carvalho

**Coordenadora da área de
Educação e Sistemas de Ensino**
Maria Estela Bergamin

Coordenadora do projeto
Alice Davanço Quadrado

Da obra

Coordenador e idealizador
Edson Gabriel Garcia

Autoria
Antonio Gil Neto
Edson Gabriel Garcia
Elias José
Eloísa Galesso
Ezequiel Theodoro da Silva
Odonir Araújo de Oliveira
Olgair Gomes Garcia
Pedro Bandeira
Ricardo Azevedo
Sonia Madi

Revisão
Alfredo Iamauti

Projeto gráfico e editoração
Studio 113: Gisele Tanaka e
Norberto Gaudêncio Junior

Ilustrações
Cris Eich

Impressão
Margraf

Tiragem
5 mil exemplares
Janeiro de 2006

Sumário

Um breve comentário, a pretexto de introdução
13

Primeira Parte

Leitura: uma iniciação prazerosa da conversa
15

Segunda Parte

Leitores críticos: conversas necessárias à qualidade da leitura
25

Terceira Parte

Muitos saberes em pequenas lições
33

Quarta Parte

Leitores e mediadores
45

Quinta Parte

Ocupando espaços e fortalecendo mentes
57

O mapa do tesouro
67

A pretexto de conclusão, outro início de conversa
que abre mais uma leitura, que abre outra leitura, que...
80



Um breve comentário, a pretexto de introdução

A questão da leitura no Brasil, em suas múltiplas faces, baixo desempenho escolar, altos índices de analfabetismo funcional, fraca atuação dos espaços organizados para a leitura, etc., é do conhecimento de todos.

Os estudos e discursos acadêmicos e oficiais indicam esse paradoxo: quanto mais falamos da necessidade de leitura na sociedade contemporânea, menor o desempenho e a qualidade da leitura. A leitura, um direito social do cidadão, um vetor de sobrevivência na sociedade pós-moderna, pouco se apresenta e não tem tido a eficiência necessária.

É neste contexto que este material se apresenta, linha de frente do caminho inicial do Programa PRAZER EM LER, uma contribuição à melhoria da qualidade de vida dos brasileiros. Coadjuvado por outros materiais documentais, impressos e eletrônicos, este roteiro é a metáfora do pontapé inicial.

Escolhemos iniciar a conversa com educadores parceiros, com voluntários e outros tantos e possíveis leitores avulsos através de uma publicação que rastreasse um pouco – pouco, diante do universo de acertos e consensos sobre o tema – as discussões teóricas, os arranjos práticos, as vontades necessárias, os prazeres guardados, as ações positivas, as leituras presentes.

Tivemos uma preocupação, antes da abordagem exaustiva do tema e dos conceitos: que o conjunto da obra possa dar uma visão preliminar, sobretudo positiva, das possibilidades de envolvimento nos prazeres da leitura.

Nesse sentido, nada ficou para trás, pois tudo está no horizonte do futuro possível. Completado por outras publicações, oficinas e discussões presenciais, por acervos, por relatos de práticas e por discursos virtuais de um site, quase tudo estará ao nosso alcance.

Não há pedras novas no caminho. Mas o caminho pode ser novo, de novo, bastando para isso que nossas leituras e ações delas decorrentes não se bastem, não se queiram prontas e acabadas tão de imediato.

Esta é a chave de leitura do Programa PRAZER EM LER: uma leitura que abre outra leitura, que abre outra leitura, que abre outra leitura, que...

PRIMEIRA PARTE

Leitura: uma iniciação prazerosa da conversa



A leitura no meio do caminho

Algumas idéias preliminares sobre esse universo fabuloso que é a construção de sentidos para a vida humana.

Edson Gabriel Garcia
Escritor e educador

Na sociedade em que vivemos

Vivemos em uma sociedade marcada por revoluções tecnológicas maravilhosas e por condições subumanas de existência de parcela significativa da população. O homem vive as mais impensadas aventuras científicas e tecnológicas, mas não resolve questões simples da existência humana: a fome, a saúde, a educação, por exemplo.

Ao mesmo tempo que assistimos, maravilhados, a simulações da substituição de muitas atividades humanas por máquinas de inteligência artificial, vemos pela tela da tevê onipresente a miséria e a tragédia conversando conosco na hora do jantar em família.

Em meio à voracidade do consumo, à superficialidade das relações pessoais, à fragilidade do estado político, ainda somos presas fáceis do poder econômico e da própria ignorância.

Há no ar uma certa democratização das relações pessoais e do discurso pela democratização do acesso ao conhecimento, mas isto não é suficiente para nos fazer estrelar o próximo “reality show”. No entanto, por trás dessa espetacularização da vida, em que todos parecemos estar à espera do próximo comercial e nele encontrar o sentido de nossas vidas, as notícias nos dão conta de que é preciso estar atento e alerta.

É nesse panorama que a leitura se inscreve, como estratégia de sobrevivência, como contraponto reflexivo à sociedade em que vivemos.

Historicamente, o uso, o manuseio e o domínio da prática de ler e escre-

ver quase sempre estiveram nas mãos de poucos, da classe dominante, em compartilhamento com a Igreja. Ler e escrever, quando a leitura e a escrita são posses de poucos, determinam situação de exploração, de controle, de mando indiscriminado de uns sobre outros. Não é sem razão que a escola, espaço público onde o ensino e a aprendizagem têm seu lugar descrito no currículo, apenas recentemente foi universalizada. E mesmo assim...

Ainda mais recentemente, de meados do século passado aos dias de hoje, estudiosos, intelectuais, pensadores, religiosos e alguns líderes políticos mundiais têm trazido para a cena a discussão da cidadania, dos direitos e dos deveres de todos nós. Nessa ordem de coisas, o domínio da leitura e da escrita torna-se uma necessidade real para se poder trabalhar, locomover, entender as regras de uma sociedade complexa, altamente tecnicizada, sonhar, compreender as situações de constantes transformações sociais, científicas, religiosas e culturais.

Assim, a leitura apresenta-se como um direito social, a ser oferecido e garantido pelo Estado, em forma de políticas públicas. Embora a leitura – e a escrita – faça parte dos currículos educacionais e, por essa razão, está inscrita como um direito social básico de educação, prescrito pela Constituição Federal, temos que considerar que ensinar e aprender a ler, certamente, é uma tarefa muito mais ampla, uma utopia desejada e assumida pela sociedade toda.

O que é leitura

A questão é simples. Complexa é a resposta. Resposta múltipla, cheia de camadas, de olhares, de observações, de notas de rodapé. Seria muita pretensão nossa dar respostas arrematadoras à questão. Vamos propor alguns comentários, alguns enfoques sobre o tema, meter o olhar curioso em suas camadas.

Leitura é um exercício lingüístico, uma prática que se dá dentro da língua, esta construção simbólica quase perfeita dos homens. Pela língua, com a língua e na língua o homem se comunica com outros, transfere emoções, desloca sentimentos, pensa, constrói e reconstrói significados, situa-se e dá sentido a sua vida. Falando, ouvindo, escrevendo, lendo e assim pensando.

A leitura pressupõe um processo de comunicação, em que produtores de sentidos dialogam e interagem com textos, de diferentes extensões, espessuras, gêneros, significados e estilos, modificando-os e modificando-se. Como

Ler é...

Desabotoar vontades
Mapear dúvidas
Instigar os olhos adiante do que se vê
Perguntar respostas adormecidas
Responder perguntas escondidas
Desacomodar certezas
Empurrar limites do saber
Alterar horizontes da utopia pessoal
Soprar o pó dos sonhos
Cruzar fronteiras do conhecimento
Desvelar segredos da aventura humana
Alavancar novos entendimentos
Dar lucidez à pluralidade das emoções
Desviar das pedras no meio do caminho
Dar vozes ao silêncio
Inventar caras para os desejos
Vestir de palavras as idéias dormidas
Desejar-se uma pessoa feliz



em todo processo de comunicação, em que há intenções, contextos, significados ocultos, mais ou menos profundos, quase ninguém sai ileso de uma leitura.

A leitura é um ato solitário em sua aparência exercido por um sujeito que tenha vontade ou necessidade de ler. Claro, esse sujeito de intencionalidade não está isolado no mundo e leva para a experiência de leitura, além de sua vontade ou necessidade, sua decisão, suas experiências de outras leituras, sua visão de mundo, seus objetivos, suas perguntas e respostas, seus saberes prévios sobre o texto, sobre a leitura, sobre o autor. Ou seja, apesar de ser um ato solitário, a leitura está contextualizada por outras mediações, além daquelas do leitor e do texto: por toda a produção cultural, social e histórica, do momento em que ela ocorre.

Nesse sentido, a leitura é plena de socialidade, das tramas do tecido social em que ocorre. Por essa razão, uma leitura será sempre um processo de produção de sentidos na construção do real, que envolve o sujeito leitor, o texto, as práticas e experiências anteriores de leitura e o contexto do exercício.

O discurso do outro, na relação de leitura com um sujeito leitor, será velado por múltiplos olhos, mexido por tantas mãos e sentido por tantos sentimentos e emoções, em diversas e sucessivas etapas, desde a aproximação meramente visual até a construção de um significado quase nunca definitivo, posto que o conhecimento será sempre provisório.

Mesmo que sejam leituras rápidas e de textos pequenos, um leitor passará por níveis diferentes de leitura: uma decodificação rápida das informações, uma análise mais detalhada do conteúdo e da estruturação do texto e, uma reconstrução dos significados propostos à luz das suas experiências, dos seus saberes e da sua visão de mundo.

É por isso que se costuma dizer, com razão, que em cada nova leitura de um texto nunca serão reproduzidos os mesmos significados. O leitor será, certamente, outro, o texto será, necessariamente, outro, e o contexto histórico será, obrigatoriamente, outro. Você já parou para pensar, por exemplo, quantas vezes e em quantas ocasiões diferentes foi usado o poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Aquele cujo primeiro verso é “E agora, José?”.

Ler um texto é produzir uma nova experiência de vida. Como caçadores de sentido¹ que somos, nunca ficaremos presos nas malhas e artimanhas de um texto. Saberemos, pois temos saberes para isso, desvendar as malhas do texto, escapar de sua rede que se esforça em nos enredar, tecer novos significados com as mesmas tramas tecidas pelo autor.

Na leitura de um texto, um leitor consciente, autônomo e crítico poderá repensar o real e, nesse sentido, sua experiência de vida. Ao reconstruir uma e outra experiência, o leitor repensará sua própria vida, lendo e refazendo o seu mundo.

O filósofo e educador brasileiro Paulo Freire sempre fez questão de situar a leitura de mundo como um conceito amplo que remete qualquer sujeito à necessidade de entender sua vida na relação com o mundo, estabelecendo uma mútua determinação entre linguagem e pensamento. Pensa-se o mundo, a vida no mundo, com o pensamento e com a linguagem (e dentro da linguagem a leitura dos textos verbais). Leitura de mundo e leitura das palavras dialogam.



Óculos de Leitura

E, se damos um conceito muito mais amplo à leitura do que simplesmente decodificar símbolos escritos, transpondo-os para a oralidade, sem dúvida o que consideramos “aprendizado de leitura” também se amplia e se torna muito mais complexo. Se os níveis de leitura variam dependendo da experiência anterior de quem lê, somos levados a concluir que, em se tratando de leitura, estamos sempre aprofundando nosso aprendizado. A cada novo texto que lemos, a cada novo conhecimento que adquirimos, a cada experiência que vivemos, melhores leitores nos tornamos. Sempre aprendizes, a cada dia melhores aprendizes.

Luzia de Maria, *Leitura e Colheita*
– Livros, leitura e formação de leitores.
Editora Vozes, Petrópolis, 2002, pág. 22.

Quando se lê um texto, a leitura de mundo entra de cabeça na produção dos significados resultantes dessa leitura. Quando se pensa o mundo, ocorre inevitavelmente um diálogo com todas as leituras de textos feitas anteriormente. E assim o real, o sentido de vida de cada um, vai sendo construído. E reconstruído. Feito e refeito.

Pelo menos duas noções do que seja leitura caminharam desde duas ou três décadas até esta data. De um lado, uma noção mais “escolar”, predominante na escola e determinante no currículo escolar, entende a leitura como a atividade lingüística de diálogo com um texto escrito (decodificação dos signos lingüísticos). Trata-se de uma noção restrita, mas não incorreta, que já foi muito presente no universo escolar. De outro lado, um conceito mais amplo, para além do contexto escolar e do texto escrito, que entende a leitura como um processo de interação, diálogo, conversa com o mundo, tendo em vista a sua compreensão. Nessa perspectiva, a leitura é muito mais do que a decodificação dos signos verbais: é um processo ininterrupto de lida com tudo que comporta significados, “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos...”².

É com base nessa compreensão mais ampla do que seja leitura que se pode afirmar:

- ler é construir significados a partir de/sobre os significados já existentes;
- pode-se ler tudo que comporte significados, quaisquer fatos, experiências, sons, gestos, movimentos, muito além dos textos escritos impressos ou eletrônicos, e
- propor a aprendizagem da leitura e estimular práticas competentes de leitura não é tarefa exclusiva da escola, mas de toda a sociedade, de qualquer nação que se queira leitora e cidadã (é nesse sentido que se pode falar de política pública para a leitura).

No entanto, em nossa vida social cotidiana, quando falamos de “leitura”, de modo geral, estamos nos referindo ao texto escrito – e aqui quase sempre assim o faremos –, mas é praticamente impossível dissociar as duas noções. Ler um texto pressupõe, sempre, o cruzamento dos conhecimentos prévios, das antecipações, das predições, das invenções, do pensamento livre, etc., com os conhecimentos propostos pelo texto, ditos, explícitos, implícitos, possíveis. Cruzamento iluminado pela visão de mundo e pelo contexto histórico-social do mundo em que vivemos, percebemos, imaginamos ou desejamos. Estas mediações todas imbricam na leitura nossa de todo dia. Nessas malhas são tecidos os significados com os quais nos orientamos no mundo, na vida.

A leitura entre a necessidade e o prazer

De modo geral, nossas ações, entre elas a leitura, são orientadas por três razões, como expõe Fernando Salva³: ordens, costumes e caprichos. Nas duas primeiras, ordens e costumes, a orientação é socialmente mais impositiva, motivada por uma necessidade de que assim seja feita. Nesse sentido, lemos na escola porque assim é ordenado pelo currículo escolar, porque assim o desejam a sociedade e o grupo no qual vivemos, porque é necessário aprender a ler na escola, do modo como a escola ensina. São ordens sociais.

Da mesma forma, muitas das ações de leitura são motivadas por costumes, embora não rigorosamente obrigatórios, mas exercidas sob a pressão, ainda que mais leve, do grupo, pois a maioria das pessoas se comporta dessa maneira. Assim, lemos antes de dormir, durante as férias, no ônibus, no avião, etc., porque a maioria das pessoas assim procede. São costumes, hábitos. (Durante muito tempo e ainda hoje, com menor intensidade, se falou em hábito da leitura. Pior para o desenvolvimento do gosto pela leitura e da compreensão da necessidade de se ler. A ação de estudiosos, professores, escritores e intelectuais vem caminhando na direção de se criar o gosto pela leitura.)

Por outro lado, as leituras que fazemos por pura vontade, por decisão própria, sem ancorar-se em nenhum motivo, são caprichos, ainda que seja difícil isolar sujeitos e seus caprichos do cotidiano social.

Lemos por necessidade, por ordens sociais, porque precisamos, porque isso nos faz bem. Lemos por comodidade, porque todos que nos rodeiam assim se comportam. Lemos por vontade própria, porque queremos, pois é gostoso, prazeroso.

Necessidade, comodidade e prazer: as razões que nos movem a ler. Não são absolutos e podemos compor nossas atividades de leitura mesclando necessidade e prazer. É possível tirar prazer do que lemos por necessidade, da mesma forma que ler por prazer pode tornar-se uma necessidade em nossas



Óculos de Leitura

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir dos seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais* - Brasília: MEC/SEF. 1998, págs. 69 e 70.



Classificado Quase Lúcido

Perdeu-se um livro de poemas, cheio de anotações pessoais, recados de amor, pensamentos descoloridos, endereços de bibliotecas, laboratórios e oráculos, citações de autores sem fama e provérbios populares. Quem o encontrar será bem agradecido. Primeiro poderá ler os poemas até cansar e curtir câibras literárias. Depois poderá fazer tantas anotações no livro quantas quiser. E poderá ser parceiro para sempre na caminhada engenhosa pelas páginas da leitura, aprendendo a ler com os olhos, com o pensamento, com a emoção e com a razão.

vidas. Aprendemos com as leituras prazerosas, descompromissadas, escolhidas ao sabor do desejo, sem preocupação em buscar informações, em responder perguntas. Da mesma forma, as leituras feitas em busca de conhecimentos, aprendizagens dirigidas, podem causar prazer, o prazer de aprender, de saber mais, de descobrir coisas novas, de olhar a vida e o mundo com outros olhos.

O leitor. E quem é o leitor?

O leitor é esse sujeito teimoso, capaz de aprendizagens, de trocas, de mudanças de entendimentos, de prazeres, de escolhas, de invenções. É o sujeito que, pela linguagem, pela leitura, estabelece relações interpessoais, influencia a si e ao outro, muda sua representação da realidade, vida e mundo, e a direção, sentido, de suas ações e reações.

O leitor é esse sujeito manhoso que desenvolve sua própria história de leitura, seu tempo de aprender a ler, de aprender a gostar de ler. Desconfiado, o leitor aprende a ler quase sempre na escola e na própria escola, muitas vezes, começa a desgostar de ler. Des-

confiado, pensa que leitura é apenas obrigação escolar, instrumento para responder perguntas sem intensidade de provocação, desprovidas de desafios, nada instigantes e quase sempre descoladas da vida. E continua essa aprendizagem escolar lendo para responder questionários e obras que foram escritas para sugerir perguntas. Percebe que seu tempo de ler é diferente dos outros, mas que geralmente não é respeitado. E vai criando respostas de comportamento que o afastam da necessidade e do prazer de ler. Depois de crescido, o leitor tem à sua disposição um arsenal de justificativas para a não leitura: não tem tempo, não tem acesso a material de leitura, ler é chato, ler é difícil.

O leitor é esse sujeito dialógico que está aberto a uma boa conversa sobre leitura, que aceita sugestões, dicas, que reconhece os saberes alheios, que ouve com atenção informações interessantes, que dialoga com outros textos, que se sente à vontade em espaços onde é estimulado, que reage bem quando é provocado por outras mediações e mediadores.

O leitor é esse sujeito simpático que busca o seu jeito de ler, o lugar onde gosta de ler. Um sujeito que não nasce pronto, mas que vai se construindo

Gil & Elô

Gil querido,

Estou lhe escrevendo de um café – aliás, um cibercafé – em Brasília. Queria que você estivesse aqui! Tantas coisas pra ver, tanto pra aprender. Engraçado é que a gente aprende tanto, na escola, sobre a construção, a política, os personagens históricos, mas pisar aqui é outra experiência.

Uma completa a outra, né?

Cheguei ontem de Alto Paraíso de Goiás. Indescriível! Cerrado adentro, há trilhas, cachoeiras lindas e o mais maravilhoso: o Vale da Lua. Você precisa conhecer!

Bom, como estou sozinha, resolvi escrever um diário e ler um livro-amigo – ora, Grande Sertão: Veredas, combinando com as paisagens de buri-tis; ora, poemas da Cora Coralina, dando o toque lírico ao meu passeio goiano. Ler, viajar, pensar, escrever, tudo tão gostoso! Só falta você, meu amigo.

Saudades,

Elô

P.S. – Anexo uma foto, pra dar um gostinho mais vivo do que escrevi.

Um beijo.

Oi, Elô,

Que delícia receber notícias tão quentinhas, coloridas e tão genuinamente brasileiras!

Bem que eu gostaria de estar aí com você, andando pelas paisagens que já conhecíamos de coração, por meio de livros e autores. Quem sabe ainda irrei ao Vale da Lua com você. Você me fez renascer a vontade de ler alguns trechos do “Grande Sertão”. Estou indo pro interior, visitar minha família, e vou levá-lo comigo. Você aí e eu aqui. Nós dois em cenários diferentes, mas com o mesmo Guimarães...

Sabe que, quando eu viajo, também faço anotações em uma agenda? Só pra ter o prazer de ler depois, lembrando o que vi e vivi. A gente nunca passa as mesmas emoções duas vezes, né?

Aliás, lá na minha cidade, há coisas que precisariam ser escritas: gente que parece personagem saída de livro; situações que parecem ter inspirado Fellini... Quanta vida rolando...

Quando você voltar, vamos conversar muito. Saudade é que não falta. Enquanto você não vem vou lendo a vida pelos prazeres da leitura.

Outro beijo,

Gil



Todos os textos das correspondências trocadas entre o Gil e a Elô foram produzidos pelos professores e escritores Antonio Gil Neto e Eloísa Galesso.

crítico, criativo e autônomo. Aos poucos, com a prática contínua e freqüente da leitura, vai aprendendo a fazer escolhas, a cortar caminhos, a selecionar o que quer ler, a criticar o que lê, a não ficar parado no meio do caminho das significações que se lhe apresentam.

O leitor é esse sujeito que sofre com a dor de nunca saber tudo, mas que sente prazer em saber o que sabe e que pode saber mais. E sabe que pode ler tudo o que quiser, tudo o que é portador de um significado.

No meio do caminho, quase as penúltimas palavras

Alinhavamos algumas idéias, nos parágrafos anteriores, suficientes para, nesse início de conversa, situar os leitores deste material no universo de algumas das principais discussões sobre a leitura. Da leitura, esse comportamento que se apresenta na sociedade atual como uma necessidade para a formação de uma nação leitora, como uma obrigação para a formação de um cidadão pleno de seus direitos, a leitura como condição prévia para a aquisição dos outros direitos sociais.

Apesar do esforço de toda a sociedade e da ausência de uma política pública de leitura, encontramos-nos no meio do caminho: atrás, o passado de poucos investimentos em educação e qualidade cultural, de baixa escolaridade, de desempenho frouxo na leitura, de poucos leitores; adiante, o futuro, cobrando competências de leitura para uma sobrevivência saudável e contextualizando as ações mais importantes na vida das pessoas em sucessivas revoluções tecnológicas de exigências cada vez maiores.

No presente, o caminho: ler... ou ler.

Anotações no rodapé da página feitas por um leitor mais preocupado com boas informações do que com regras de registro bibliográfico

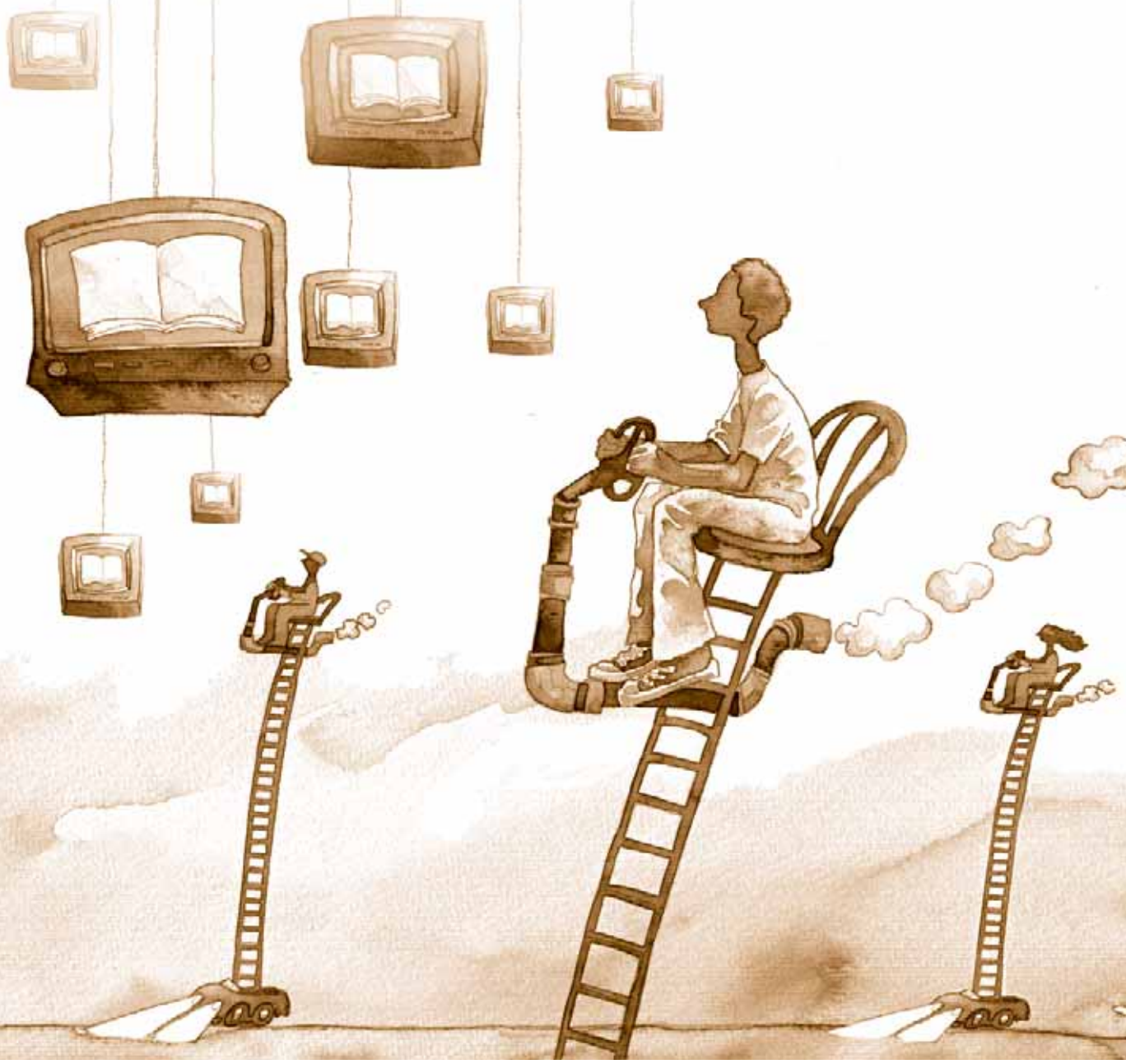
1. O conceito de “caçadores de sentidos”, um belo achado descritivo, é de M. Dascal e foi citado pela professora Ingedore G. Villaça Koch, em seu livro “Desvendando os Segredos do Texto”, Cortez Editora, São Paulo, 2005, página 17.

2. Uma das primeiras pesquisadoras e estudiosas das questões da leitura, no Brasil, trazendo novas idéias e conceitos, rediscutindo práticas, foi a professora Maria Helena Martins, principalmente e inicialmente em seu livro “O Que É Leitura”, Editora Brasiliense, SP, 1982.

3. A discussão das razões que nos levam a ler, para além da descrição dos objetivos e respostas às perguntas “lemos por que e para que”, é uma adaptação livre da discussão que Fernando Salvater faz, no segundo capítulo, de seu saborosíssimo livro “Ética Para Meu Filho”, publicado pela Editora Martins Fontes, SP, 1993. O autor não discute especificamente a leitura, mas as opções que temos diante de escolhas em nossas vidas.

SEGUNDA PARTE

Leitores críticos: conversas necessárias à qualidade da leitura



A criticidade como elemento básico da qualidade da leitura

Ezequiel Theodoro da Silva

Faculdade de Educação – Unicamp

Para caracterizar, logo de saída, a principal conduta do leitor crítico, recuperamos um trecho do conto “A Aventura de um Automobilista”, do escritor italiano Ítalo Calvino. Esse trecho diz o seguinte:

“Para dirigir à noite até os olhos precisam como que retirar um dispositivo que carregam e acender outro, porque não têm que se esforçar para distinguir entre as sombras e as cores atenuadas da paisagem noturna a manchinha dos carros longínquos que venham de encontro ou que precedam, mas têm que controlar uma espécie de lousa negra que pede uma leitura diferente, mais precisa porém simplificada, dado que o escuro apaga todos os detalhes do quadro que poderiam distrair e põe em evidência apenas os elementos indispensáveis, linhas brancas no asfalto, luzes amarelas dos faróis e pontinhos vermelhos. É um processo que acontece automaticamente, e se esta noite eu dei para pensar a respeito é porque agora que as possibilidades externas de distração diminuem as internas em mim assumem o leme, meus pensamentos correm por conta própria num circuito de alternativas e de dúvidas que não consigo desligar, em suma, tenho que fazer um esforço particular para me concentrar na direção”.¹

Quem já dirigiu um carro à noite talvez possa sentir e comprovar a acuidade com que Ítalo Calvino descreve esse tipo de experiência. E nós tomamos uma carona nesse automóvel, nessa descrição tão bem elaborada, para dizer que o leitor crítico – principalmente o leitor crítico desejado para o Brasil ou que o Brasil realmente necessita nos dias de hoje – pode ser comparado a esse motorista dirigindo à noite e discriminando, distinguindo

sinais entre sombras através de olhos bem abertos, precisos, concentrados, que aprenderam a evitar os perigos no sentido de não perder a direção.

De fato, estamos vivendo numa sociedade onde as distrações (ou desatenções ou irreflexões ou inadvertências) podem ocorrer a todo instante nos meios (ou na mídia) de circulação dos sentidos. Dentro de um cenário de muitas sombras e escuridões, próprio das sociedades conservadoras onde poucos detêm o poder e gozam dos privilégios, a ideologia dominante quer fazer a mentira parecer verdade, quer distorcer o real e, como decorrência, quer suprimir a objetividade dos fatos. Daí a existência das múltiplas formas de manipulação, exclusão e dependência em todos os cantos e recantos deste país, fazendo multiplicar, bem diante dos nossos olhos, seja de carro ou a pé, seja de dia ou de noite, “(...) os trabalhadores sem trabalho, os estudantes sem estudo, os cidadãos sem cidadania”.²

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. Numa sociedade como a nossa, onde se assiste à reprodução eterna das crises e à naturalização da tragédia e da barbárie, a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata, de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social. Leitores ingênuos, pessoas impassíveis diante das contradições sociais e acostumadas à ótica convencional de perceber os fatos, muito provavelmente permanecerão felizes em exercer a sua cidadania “de meia-tigela” – isto, a bem daqueles poucos que detêm os privilégios.

Dentro de um contexto social tão constrangedor – de novos costumes ditados pela mídia ou pelos discursos sazonais do poder, mas mantendo sempre as mesmas desigualdades de base, cristalizadas historicamente –, tendemos ao chamado *vazio cultural*.³ Aqui, como lembra a professora So-



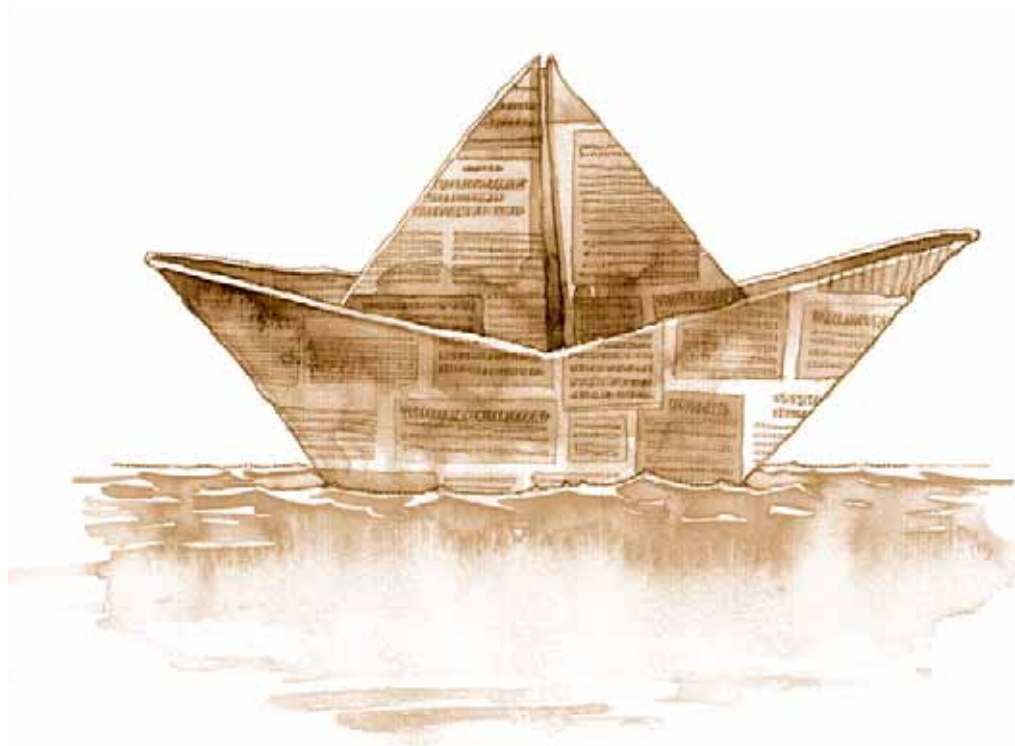
Óculos de Leitura

As coisas que vejo são como o beijo do príncipe: elas vão acordando os poemas que aprendi de cor e que agora estão adormecidos na minha memória. Assim, ao não-pensar da visão, une-se o não-pensar da poesia. E penso que o meu mundo seria muito pobre se em mim não estivessem os livros que li e amei. Pois, se não sabem, somente as coisas amadas são guardadas na memória poética, lugar da beleza. “Aquilo que a memória amou fica eterno”, tal como disse a Adélia Prado, amiga querida. Os livros que amo não me deixam. Caminham comigo. Há os livros que moram na cabeça e vão se desgastando com o tempo. Esses, eu deixo em casa. Mas há os livros que moram no corpo. Esses são eternamente jovens. Como no amor, uma vez não chega. De novo, de novo, de novo...

Rubem Alves - *Sob o Feitiço dos Livros*,
Folha de S.Paulo, Caderno Sinapse, 24 de
janeiro de 2004, pág. 7.

nia Kramer, “(...) as palavras são uniformizadas, têm seus vários sentidos congelados ou são deixadas sem sentido nenhum. Importa cada vez menos o conhecimento e cada vez mais a informação, menos a compreensão e mais os fatos, as notícias. Penetrando nas mais diversas modalidades da linguagem – na jornalística, na política, na da televisão, na pedagógica, na linguagem comum –, tal esvaziamento da linguagem elimina a expressão e afasta quem pronuncia as palavras do assunto que pretende discutir, como as máquinas alienam cada vez mais o trabalhador de sua produção ou tal como, no dia-a-dia, os aparatos tecnológicos nos distanciam daquilo de que buscamos nos aproximar, compreender”.⁴

O esvaziamento e a uniformização da linguagem, a pobreza discursiva em várias manifestações sociais indicam nada mais do que o esvaziamento e a inércia do pensamento no território brasileiro. Neste caso, então, ler criticamente significa “questionar as evidências”⁵ a fim de rechaçar a lógica da dubiedade que prepondera em sociedade, agindo no sentido de enxergar, com lucidez, os dois lados de uma moeda, as várias dimensões de um problema, as múltiplas camadas de significação de um texto.



Parodiando Caetano Veloso, ser um leitor crítico é desfiar e refiar o *avesso do avesso* de um texto no sentido de chegar às suas *entranhas*. E chegar às entranhas de um texto é, ao mesmo tempo, penetrar nas entranhas dos fenômenos da realidade na medida em que mundo e linguagem não são entidades separadas. Em suma, o leitor crítico tem sempre como norte (como um propósito implícito ou explícito ao longo desta atividade específica de leitura) chegar a um posicionamento, combatendo a simplificação ou a superficialização da realidade via discursos que a representam.

As teorias clássicas na área da leitura explicitam três posturas distintas para um leitor na sua interação com os textos: o *ler as linhas*, o *ler nas entrelinhas* e o *ler para além das linhas*. Acreditamos que é exatamente esta terceira postura, a de ler para além das linhas, que melhor caracteriza o trabalho de interlocução de um leitor crítico. A ele interessa ir além do reconhecimento de uma informação; ir além das interpretações de uma mensagem. Ir além, neste caso, significa adentrar um texto com o objetivo de refletir sobre os aspectos da situação social a que esse texto remete e chegar ao cerne do projeto de escrita do autor.

Mais especificamente, o leitor crítico deseja compreender as circunstâncias, as razões e os desafios sociais permitidos ou não pelo texto. Daí os procedimentos de peneiramento, as atitudes de reflexão e questionamento e os processos de julgamento que são típicos da criticidade em leitura.

De uma leitura crítica quase sempre resulta uma avaliação de mérito, valor e/ou verdade das idéias produzidas e analisadas durante ou após a interação. A este respeito, vale a pena recuperar aqui a descrição feita por Hueslman das nove armadilhas que o leitor tem que evitar de modo a efetivar uma leitura de cunho crítico. São armadilhas da leitura crítica:

1. Descuido para com possíveis erros na linha de raciocínio indutivo ou dedutivo.
2. Falha no exame de alternativas.
3. Falha na detecção de falsas analogias.
4. Falha na constatação de generalizações apressadas.
5. Falha na identificação de vícios do raciocínio (simplismo).



Classificado Quase Lúcido

Oferece-se espaço livre, amplo, cheio de prateleiras, de almofadas e tapetes, de mesas e cadeiras confortáveis. As paredes são alvas, alvíssimas, imaculadas. Aos que quiserem ocupar esse espaço pede-se em troca vontade para enchê-lo de mentes criativas dispostas a lutar com as velhas coisas de sempre: o novo. Pede-se, também, em troca o apagamento do branco das paredes, elas que esperam, virgens, as vontades decididas dos novos conhecimentos.

6. Não estabelecer a diferença entre observações concretas e inferências do autor.
7. Descuido na observação da mudança de sentidos de um mesmo termo.
8. Não perceber distorções ou supressões da verdade.
9. Permitir que emoções anestesiem as capacidades críticas durante a leitura.⁶

Se considerarmos que é próprio da democracia a convivência com o conflito e a diferença, evidenciados na maioria das vezes por lutas, controvérsias e polêmicas nos campos do discurso e nas arenas sociais, as condutas críticas de leitura ganham um destaque bastante especial. Tanto a construção do cidadão como o exercício da cidadania esclarecida dependem, em muito, do desenvolvimento e domínio das competências críticas do leitor. De fato, não podemos nos situar frente a um debate, a uma polêmica ou controvérsia, a menos que conheçamos e dominemos os códigos sociais da argumentação, bem como os portadores de textos que expressam posicionamentos, análises e/ou críticas dentro dos sistemas de circulação de sentidos.

O leitor maduro – cuja maturidade incorpora a vertente crítica da leitura – é aquele “(...) capaz de dominar ao mesmo tempo a quantidade e a diversidade de objetos portadores de textos que a vida social propõe”,⁷ dentre eles os vários portadores da estrutura argumentativa da linguagem, como é o caso do jornal e dentro dele as seções de *opinião*, *editorial*, *ponto de vista*, *debate* ou qualquer outra que venha a ser expressão de análise da realidade para efeito de delineamento de um ou mais posicionamentos ou, ainda, para efeito de convencimento ou persuasão.

Mais especificamente, o leitor maduro é eclético no que se refere às variações e aos artefatos da linguagem e, ao mesmo tempo, movimentada-se com desenvoltura nas diversas situações funcionais de leitura. Por isso mesmo, esse leitor aprendeu e sabe que determinadas leituras vão colocar a necessidade de escolha entre alternativas; outras, a contestação; outras, a aceitação; outras, ainda, a reflexão mais demorada e profunda para orientar a construção de um posicionamento futuro.

Caminhando um pouco pelo terreno da sabedoria e das virtudes, diríamos que o leitor crítico pratica diante dos textos a vigilância e a astúcia, tendo como norte a sua própria segurança em sociedade. Esta prática não deve ser tão intensa a ponto de fazer o sujeito cair no esquecimento da própria vida, que afinal é sua e merece ser vivida. De passagem e para finalizarmos esta reflexão, convém recuperar o seguinte poema de Carlos Drummond de Andrade:

Gil & Elô

Elô,

Tudo bem?

Hoje me lembrei de você, especialmente por uma coisa. É que eu assisti ao filme "O carteiro e o poeta". Que maravilha!!! Essa história ficou muito mesmo na minha cabeça. Que jeito bonito de ensinar poesia! Que relação bonita entre eles, por meio das palavras! Quem dera as pessoas pudessem ter uma vivência com as palavras, construindo metáforas, transformando sentimentos em poemas... Você já viu esse filme? O que achou? E pensar que, na vida, em geral, não se vive a poesia. Parece até que a leitura anda meio desconectada de tudo, não é não? Aliás, bem que nas escolas, nas praças, nos shoppings, nos supermercados... em qualquer lugar que tem "gente", poderia haver uma relação mais viva com as palavras, você não acha? Não aguento entrar em um lugar e ouvir textos parecendo vir de robôs mal ajambrados... rs... A gente tá precisando mais de carteiros e de poetas, né?

Me fale um pouco disso; fico curioso em saber o que você pensa.

Um beijo,

Gil

Vamos ao cinema nesta quinta?

Nossa, Gil! Você falou de um dos meus filmes favoritos! Eu sempre me lembro da tia da mocinha dizendo que o carteiro tinha conquistado a sobrinha "pela boca". Que poder têm as palavras, hein?!!!

Eu já notei, mesmo, que não há idade pra se gostar de poesia. Meus sobrinhos adolescentes, rebeldes como qualquer um, ADORAM poemas! Principalmente quando estão apaixonados (o amor e a raiva inspiram, né?! rs...)

Sabe que a Larissa até estava me falando de uns blogs, na Internet, que são uma espécie de diário ou agenda eletrônica? Ela me mostrou alguns, com letras de músicas, fotos, poesias, pensamentos. Muito legal como os jovens usam esses meios para se expressar. Tomara que os adultos, especialmente os professores, se aproveitem disso, né?

Vamos ao cinema, sim. Te telefonei.

Elô



Os Ombros Suportam o Mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.⁸

1. CALVINO, Ítalo. "A Aventura de um Automobilista" In Os Amores Difíceis. Trad. por Raquel Ramallete. SP: Cia. das Letras, 1992, p. 139.

2. LINHARES, Célia F. S. "Trabalhadores sem trabalho e seus professores: um desafio para a função docente" In Formação de professores. Pensar e Fazer. Nilda Alves (org.). SP: Cortez, 1992, p. 09.

3. KRAMER, Sonia. "Pão e ouro - burocratizamos a nossa escrita?" In Trama e Texto. Leitura crítica. Escrita Criativa. Lucídio Bianchetti (org.). SP: Plexus, 1996, p. 170.

4. KRAMER, Sonia, op. cit., p. 171.

5. CHARMEUX, Eveline. Aprender a Ler: vencendo o fracasso. SP: Cortez, 1994, p. 13.

6. HUELSMAN, Charles B. Jr. "Promoting Growth in Ability to Interpret when Reading Critically: in Grades Seven to Ten." apud Smith, Henry P. & Dechant, Emerald V. Psychology in Teaching Reading. New Jersey: Prentice Hall, 1961, p. 359.

7. CHARMEUX, Eveline, op. cit., p. 15.

8. ANDRADE, Carlos Drummond de. "Os Ombros suportam o Mundo" In O Livro das Virtudes. Antologia de William J. Bennett. RJ: Nova Fronteira, 1995, p. 141.

TERCEIRA PARTE

Muitos saberes em pequenas lições

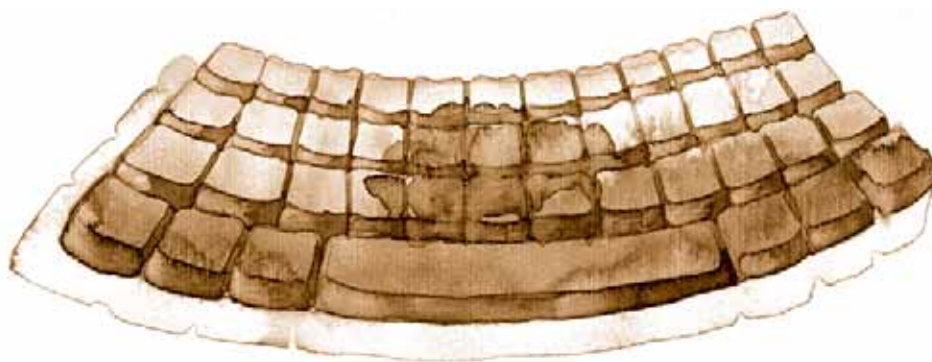
Um trajeto agradável por caminhos feitos de
olhares apaixonados pelos sentidos das palavras



1. A palavra de quem escreve para outros lerem



Aqui, a palavra de quem escreve intencionalmente para outras pessoas lerem. São escritores que lidam profissionalmente com a palavra escrita para ser lida e sabem da importância da leitura em nossas vidas. Ricardo Azevedo e Elias José, dois grandes escritores brasileiros, nos convidam à leitura de um de seus poemas e respondem algumas perguntas, nos convidando a uma reflexão. Em seguida, Pedro Bandeira, um dos mais lidos e queridos pelos jovens brasileiros, fala um pouco sobre sua história de leitura e nos deixa outras reflexões.



Ricardo Azevedo

Ricardo Azevedo, autor do poema ao lado, deveras interesantíssimo, respondeu algumas perguntas formuladas pelo PRAZER EM LER. Saboreie, a seguir, suas respostas.

Ler é tudo isso?

Acho que é tudo isso e muito mais. Por exemplo: todos nós, tanto crianças como adultos, estamos sempre ficando mais velhos. Conforme o tempo passa, vamos adquirindo experiência de vida, mudamos e nossa leitura vai mudando junto com a gente. Um bom texto lido pela mesma pessoa há dez anos, há cinco anos, hoje e daqui a dez anos, no futuro, pode ter quatro leituras diferentes. Isso significa, primeiro, que alguns livros podem ser tesouros, pois têm coisas que a gente não consegue ver de cara e só vai descobrindo ao longo do tempo. Significa também que as pessoas são seres que estão sempre mudando e aprendendo coisas novas e inesperadas.

As pessoas lêem com os olhos, com o pensamento, com as palavras... com o que mais?

Tudo entra na leitura, os olhos, o pensamento, as palavras e também as lembranças, as emoções, nossas imaginações e fantasias, as outras leituras que a gente fez, nosso gosto pessoal, nosso momento de vida, nossa intuição, nossa cultura, nossas crenças, nosso grau de conhecimento, nossa inteligência, nossa sensibilidade, etc. A leitura que somos capazes de fazer é um retrato da gente mesmo.

Ler faz bem para a saúde das pessoas?

Pode fazer e pode não fazer. Um livro legal, humano, inteligente, criativo, inesperado e emocionante deixa a gente mais vivo e cheio de idéias na cabeça. Um bom livro pode mudar completamente a nossa maneira de ver a vida e o mundo. Em compensação, um livro besta, incompetente, óbvio e chato costuma deixar a gente meio burro.

Aula de Leitura

A leitura é muito mais do que decifrar palavras. Quem quiser parar pra ver pode até se surpreender: vai ler nas folhas do chão, se é outono ou se é verão; nas ondas soltas do mar, se é hora de navegar; e no jeito da pessoa, se trabalha ou é à-toa; na cara do lutador, quando está sentindo dor; vai ler na casa de alguém o gosto que o dono tem; e no pêlo do cachorro, se é melhor gritar socorro; e na cinza da fumaça, o tamanho da desgraça; e no tom que sopra o vento, se corre o barco ou vai lento; e também na cor da fruta, e no cheiro da comida; e no ronco do motor, e nos dentes do cavalo; e na pele da pessoa, e no brilho do sorriso; vai ler nas nuvens do céu, vai ler na palma da mão, vai ler até nas estrelas e no som do coração. Uma arte que dá medo é a de ler um olhar, pois os olhos têm segredos difíceis de decifrar.

Ricardo Azevedo

Qual a diferença entre a aula de leitura do poema e as aulas de leitura de textos?

Isso vai depender do professor. Muitos professores gostam de ler e sabem muito bem a diferença que existe entre um livro informativo ou didático e um livro de ficção e poesia. As aulas de leitura de professores assim vão ser sempre muito boas. Infelizmente, alguns professores ainda confundem livros didáticos com os de literatura, ficção e poesia. Pegam um texto poético, rico de significados, cheio de metáforas, ambigüidades, emoções e idéias e o transformam num texto com uma só idéia, ou seja, com uma lição. Aí é triste, e assim não vamos formar leitores nem aqui nem na China!

Elias José

Elias José, autor do saboroso poema na página ao lado, respondeu quatro perguntas sobre coisas da leitura e da invenção. Leia e delicie-se com as respostas.

Tem lugar próprio ou especial para a prática das invenções?

Hoje, sim, tenho o meu estúdio na parte superior de minha casa. De lá, vejo parte da cidade de Guaxupé, a bela e imponente catedral, igrejas, hospital, cadeia pública, muitos quintais e montanhas, muito verde e flores. Tenho o ar despoluído correndo livremente. Assim, o ato de criar fica mais solto, solitário e gostoso. Antes, quando professor de três períodos e pai de filhos crescendo, escrevia na mesa da sala, no meio da bagunça das crianças, rádio tocando e a secretária da Silvinha cantando junto ou falando aos berros no telefone. As coisas melhoraram muito com a aposentadoria de professor...

É possível inventar durante e depois da leitura?

É possível inventar sempre, ou pelo menos anotar uma idéia para se trabalhar. Já fiz isto após ou durante a leitura de poemas, sobretudo ao acordar com um sonho fantástico na cabeça, caminhando (adoro caminhar), no ônibus, no avião, sentado diante da imensa beleza e mistério do mar, após ouvir casos, ler poemas, ver objetos artísticos, sobretudo quadros de grandes pintores em livros de arte ou museus. Só que esta idéia primeira, trabalhada, alimentada pelo imaginário e pela loucura que é criar, vai aparecer em pequena porcentagem, depois do texto pronto. É a sementinha, a brotação e beleza vão depender mais de transpiração do que chamam de inspiração (eu chamo de motivação) e alguns chamam de piração.

Ler faz bem para a saúde das pessoas?

Acho que sim. Quando estou ansioso, com livros novos para ler, me deprimio um pouco, a pressão sobe. Não me conformo de ver tanto livro e saber que a vida é curta para ler todos eles. Não perco o meu tempo com leitura inútil e sempre leio muito mais literatura do que informação ou texto científico. Nada mais livre e belo que o livro, palavra irmã de livre. Ler é entrar no mais fundo mistério do outro, seja poeta ou prosador, seja autor ou personagem. Nada mais envolvente que a leitura. Posso me distrair ouvindo música ou vendo um filme, nunca lendo um bom livro.

Ler e inventar são parentes?

Acho que ler é um dos alimentos do inventar. Não é o único, mas é o mais forte. Todos os temas já foram explorados, todas as histórias contadas, mas cada autor reconta com dados novos, com o seu jeito peculiar de recriar a realidade através da gasta linguagem do cotidiano ou de sugestões metafóricas e imagens poéticas encantatórias. Cada autor tem sua vivência, seu ritmo, seu jeito de ver as coisas e criar. Ler o outro me fascina mais do que criar. O leitor é um privilegiado, pode entrar em realidades mais diversas, relacionar e dialogar silenciosamente com os mais célebres autores. E imaginar que pouca gente descobriu o poder da leitura... Isto me dói, causa-me pena e raiva. Pena do não-leitor, raiva do sistema político que nunca valorizou a cultura e a educação, sinônimos de provocação para a leitura.

Pedro Bandeira

Pedro Bandeira dá um forte depoimento sobre a presença e importância da leitura em sua vida. Nos faz pensar sobre a responsabilidade de todos que podemos abrir as portas da leitura para outros novos e futuros leitores. Nos faz pensar, sobretudo, sobre a possibilidade de uma vida nova construída nas páginas das leituras. Veja a seguir:

Morada do Inventor

A professora pedia e a gente levava,
Achando loucura ou monte de lixo:

latas vazias de bebidas, caixas de fósforo,
pedaços de papel de embrulho, fitas,
brinquedos quebrados, xícaras sem asa,
recortes e bichos, pessoas, luas e estrelas,
revistas e jornais lidos, retalhos de tecidos,
rendas, linhas, penas de aves, cascas de ovo,
pedaços de madeira, de ferro ou de plástico.

Um dia, a professora deu a partida,
E transformamos, colamos e colorimos.

E surgiram bonecos esquisitos,
bichos de outros planetas, bruxas
e coisas malucas que Deus não inventou.

Tudo o que nascia ganhava nome, pais,
casa, amigos, parentes e país.

E nasceram histórias de rir ou de arrepiar!...

E a escola virou morada de inventor!

Elias José

Uma alternativa ao desespero

Menino santista, caçula com irmãos muito mais velhos, não me lembro de sentir-me solitário, pois logo vivi cercado por uma multidão de companheiros: cacei onças com meu amigo Pedrinho, mergulhei nas águas claras dos riachos com minha namorada Narizinho, rolei de rir com as “asneiras” da Emília, voei em cipós com Tarzan e seus macacos, esgriemi contra os aristocratas com Scaramouche e contra os “guardas do cardeal” com Dartagnan, estive preso na ilhota de If com o Conde de Monte Cristo, fugi de Javert com Jean Valjean, sobrevivi numa ilha deserta com Robinson Crusoe, persegui Moby Dick com um comandante maluco de uma perna só, fui enganado pelo fantástico pirata Long John Silver, ajudei Miles Hendon a proteger o príncipe nas roupas do mendigo, vagabundeei pelo Mississippi com Huck e Tom Sawyer, demoli moinhos de vento com a lança de Dom Quixote, espionei Arsène Lupin roubando colares de diamante, ajudei Quasímodo a badalar seus sinos pelo amor da cigana Esmeralda, enregelei-me no Alasca afagando o pêlo espesso de Caninos Brancos e cavalguei destemido pelos pampas gaúchos na companhia de Rodrigo Cambará. Que trabalhadeira! Quantos amigos! Que gostoso!

Começo dos anos 80 do século passado, já havia dez anos escrevendo histórias infantis para revistas de banca, eu recém havia me decidido pela dedicação total àquela atividade: depois de mais de 300 historinhas publicadas nas tais revistinhas, minhas invenções começavam a sair em livros. E, como todos do meu ramo, iniciava-se também a tarefa paralela de quem escreve para crianças e adolescentes: as visitas a escolas, para as chamadas “palestras com os alunos”, tarefa árdua que desempenhávamos com vigor e alegria.

Foi nessa época que visitei uma escola municipal em São Paulo, na carente periferia, chamada “Conde Carneiro”, se não me engano. Tendo já visto tantas escolas públicas malconservadas, vidraças quebradas, comentei com a diretora a beleza daquela, toda reluzente, branquinha como no dia de sua inauguração. E a diretora explicou-me que, na verdade, a escola estivera tão destruída como tantas que eu conhecia, mas que acabara de ser reformada, pois havia sido totalmente incendiada... pelos próprios alunos.

Ainda sob o espanto da informação, fui conversar com uma pequena multidão de jovens daquela escola. Dentre eles, no meio de tantas expressões desconfiadas, algumas até agressivas, destacou-se uma jovem, não tão bonita, ansiosa, que não parava de perguntar. Suas nervosas indagações eram sempre sobre livros, sobre enredos variados, numa demonstração rara de ligação com a Literatura. Findo o encontro, fui tomar o costumeiro cafezinho na sala dos professores e indaguei sobre a menina, destacando que, apesar da admirável ligação com os livros, ela merecia cuidados especiais, pois sua ansiedade beirava o patológico. E a diretora me reservava mais uma surpresa: a menina morava nas condições mais subumanas que se possa imaginar, seu pai era um alcoólatra desempregado que surrava a mulher e os filhos todos os dias, e a pobrezinha vivia em puro desespero. Como alternativa à loucura, ela havia descoberto um refúgio: os livros. Freqüentava as aulas pela manhã e, apesar de a escola não oferecer ensino em período integral, alerta para as dificuldades da aluna, a diretora permitia que ela almoçasse e jantasse na escola junto com os funcionários que dividiam

suas marmitas com a garota, e permanecesse na biblioteca durante toda a tarde, depois durante todo o período noturno do supletivo. Só quando a escola tinha de ser fechada, a garotinha ia para seu barraco, levando livros da biblioteca. Ela havia ganhado de uma professora uma lanterna a pilha e, refugiada em um canto da crueldade do pai alcoolizado, lia até adormecer.

Ela era o que eu fora! Mesmo sem ter morado em favela, mesmo sem ter tido pai alcoólatra, até porque meu pai falecera deixando-me ainda no útero de minha mãe, a menina havia encontrado um refúgio para a loucura e para o desespero semelhante ao que eu encontrara para minha solidão infantil: mergulhada nos livros, ela vivia outras vidas, sonhava outros sonhos, consolava-se da vida injusta que lhe coubera e alcançava outras dimensões enquanto esperava passar as dores das pancadas do tresloucado pai.

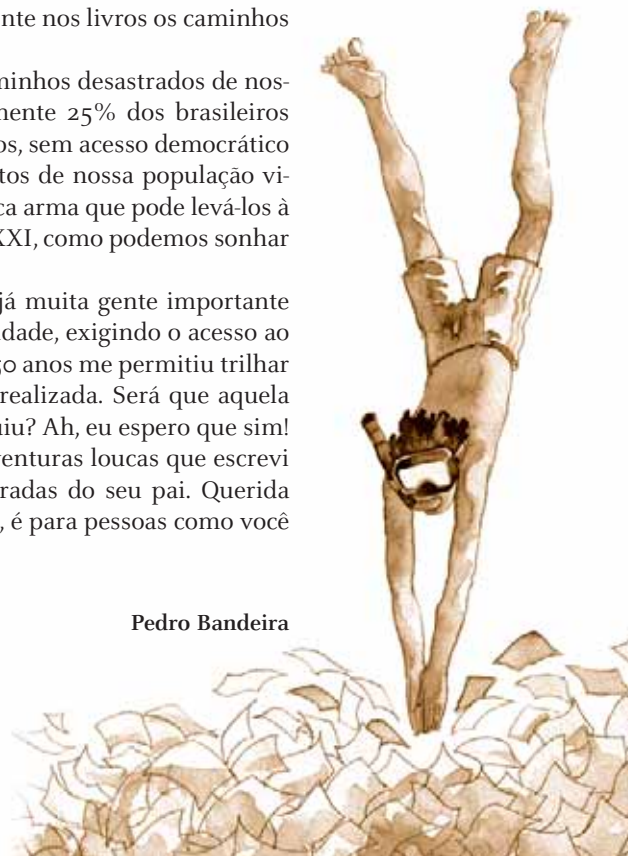
Do ponto de vista de meus professores, talvez eu tenha sido um “mau” aluno, porque, na véspera de alguma prova de Física, eu varava a noite lendo romances de Machado, Dostoiévski, Jorge Amado ou peças de Ibsen e William Shakespeare. Mais do que pela escola, eu fui educado pela Literatura. Graças a essa educação heterodoxa, aprendi um mundão de coisas, estudei e estudo demais tudo aquilo que quero, fiz a faculdade que escolhi e hoje vivo feliz e cuido muito bem de minha família, tendo livros traduzidos até para a língua grega. Por que, então, outros meninos pobres como eu fui não poderão construir sua felicidade futura navegando por páginas impressas, sentindo o cheiro da cola nas lombadas e apalpando a maciez do papel enquanto sua mente viaja por mundos fantásticos, raciocina sobre as emoções humanas, aprende a viver?

Todos os programas de promoção da leitura concordam comigo. As Salas de Leitura, sob a orientação de profissionais especializados, oferecem essa que, para mim, é a única alternativa à loucura e ao desespero: a leitura prazerosa e livre. Um profissional cuja missão seja propor, estimular, provocar, seduzir, de modo que os leitores possam, motivados, buscar solitariamente nos livros os caminhos da liberdade e de sua felicidade futura.

O Brasil é pobre, violento, atrasado, porque os caminhos desastrosos de nossa História produziram uma sociedade em que somente 25% dos brasileiros entendem o que lêem. Construímos um país sem livros, sem acesso democrático ao sonho, ao conhecimento e à esperança. Três quartos de nossa população vivem excluídos, porque jamais lhes foi oferecida a única arma que pode levá-los à vitória na batalha pela vida: o livro. Em pleno século XXI, como podemos sonhar com um futuro melhor nessas circunstâncias?

Mas hoje vivemos numa democracia e ouvimos já muita gente importante clamando por uma educação universal e de boa qualidade, exigindo o acesso ao livro, a todos os livros. Graças à sorte que há mais de 50 anos me permitiu trilhar esses caminhos, eu pude construir uma vida feliz e realizada. Será que aquela menina da Escola Municipal Conde Carneiro conseguiu? Ah, eu espero que sim! Ah, eu sonho que sim! Eu gostaria de saber que as aventuras loucas que escrevi com paixão a tenham marcado mais do que as porradas do seu pai. Querida menina nervosa de quem eu nem me lembro o nome, é para pessoas como você que eu escrevo. É pela sua felicidade que eu vivo.

Pedro Bandeira



2. Alguns saberes sobre leitura em sete pequenas lições



Perguntamos para duas educadoras experientes, Olgair Gomes Garcia e Odonir Araújo de Oliveira, duas mulheres que viveram diversas experiências pedagógicas, ensinando, aprendendo, coordenando, assessorando, pensando, sentindo, refletindo e fazendo sua prática, sobre o que pensam a respeito de questões básicas da leitura.

Vejam o que elas responderam.

Olgair

É possível viver sem ler?

Eu penso que não, principalmente quando se entende que ler não é só ler coisas escritas fazendo uso do alfabeto. Uma pessoa muito curiosa está lendo o tempo todo e, quanto mais curiosa, melhor leitora é porque lê de tudo, as coisas do mundo e os livros, jornais e qualquer material onde está escrito ou representado algo. Por isso eu acho impossível me imaginar ou imaginar alguém que não lê. Acho que a curiosidade é o primeiro impulso para sentir a necessidade de ler e correr atrás para aprender e dominar.

Há regras precisas para se ensinar e aprender a ler?

Ler e escrever fazendo uso do alfabeto é algo que requer tanto entender o mecanismo desta combinação de letras e sons para produzir palavras, textos

como, sobretudo, procedimentos para aprender a gostar de ler. Se a gente aprende a gostar de ler acho que este é o principal caminho para querer entender as regras ou normas da leitura para desenvolver a habilidade de ler melhor e poder desfrutar melhor da leitura.

Por que as pessoas dizem que “não lêem porque não têm tempo”?

Se o gosto de ler vem na frente, a questão do “não ter tempo para ler” vai ficando cada mais esquecida. Claro que, para quem descobriu o prazer de ler, o desejo de querer ler mais fica sempre prejudicado, mas isso é bom porque assim ele permanece sempre muito vivo e presente na nossa vida, sempre dando uma “cutucadinha” para não ser abandonado ou esquecido. Como é bom ver o gosto de ler vencer a briga com o argumento da falta de tempo! É bom porque o vitorioso é a gente mesmo.

Qual o melhor lugar e o melhor horário para ler?

Eu não saberia dizer se há um lugar e um horário melhor para ler. Por exemplo, se o que está mexendo com o meu desejo de ler é um livro que eu descobri na estante da escola, numa livraria, na minha casa, na casa de amigos, ter o livro em mãos é o mais importante. Daí talvez, encontrar um lugar e/ou um horário pode ser um detalhe que pode colaborar para um desfrute melhor da leitura; este detalhe pode ajudar a tornar o livro mais apaixonante, mais saboroso.

O que pode e o que não pode ser lido?

Quando eu era adolescente, minha madrinha, preocupada com o tipo de leitura ao qual eu me entregava – revista em quadrinhos, revistas com contos de amor, romances adocicados demais –, decidiu me presentear com a coleção do Monteiro Lobato com a clara intenção de colaborar para a mudança do material que eu lia. Claro que eu detestei a intromissão e só depois de adulta eu vim a me conciliar com os livros do Lobato. Penso que é preciso ter muito cuidado com proibições ou permissões sobre leitura. Neste sentido, atitudes moralistas ou preconceituosas do adulto em relação à criança ou adolescente podem produzir efeitos desastrosos para a aprendizagem do gosto de ler.

Um leitor crítico, criativo e autônomo se faz ou nasce feito?

Este talvez seja o aspecto no qual a escola, através dos professores, pode desempenhar um papel fundamental na formação de bons leitores. Um ensino bem orientado para a descoberta do prazer de ler e para o desenvolvimento

de habilidades de leitura pode, sem dúvida, ajudar significativamente para apropriação deste grande bem, ou melhor, direito, que é a apropriação da leitura e da escrita no mundo atual. Aprender a descortinar o significado e tudo o que se pode conseguir e fazer utilizando-se da leitura é algo que não se consegue explicitar na sua exata dimensão. Talvez seja o próprio sentido de se saber vivo e pronto para continuar vivendo prazerosamente.

Quem é responsável por estimular crianças e jovens para ler? A família, a escola, a biblioteca, a cidade, a sociedade?

No meu caso em especial, a paixão pelos livros e o desejo de querer conhecer e descobrir o que está aí no mundo foram plantados dentro da minha casa pelos meus pais e, sobretudo, pelas minhas irmãs bem mais velhas que eu. Mas isto é apenas um detalhe, porque a escola, a biblioteca, a cidade podem perfeitamente criar uma dinâmica que mobilize a todos, crianças, jovens, adultos, para o cultivo da paixão pelos materiais de leitura. E a paixão explode quando se tem oportunidade de descobrir, conhecer, olhar, explorar, reinventar, imaginar outras possibilidades, estabelecer cumplicidade, criar vínculos, levar para casa, levar para compartilhar a própria vida.

Olgaírcia Gomes Garcia, doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é professora universitária e coordenadora pedagógica da EMEF Mauro Faccio – Zacharia.

Odonir

É possível viver sem ler?

Creio que não. A leitura desempenha muitas funções em nossas vidas: informa quando queremos saber qual a direção e o melhor caminho para chegarmos a algum lugar, quando desejamos aprender sobre algum assunto ou tema, quando pretendemos aprofundar certo conteúdo do qual já possuímos algumas informações e almejamos ampliá-lo; oferece prazer, ao nos deliciarmos com um bom texto repleto de imagens e sensações que, provocando identificações, muitas vezes chega a nos parecer que foi escrito por nós mesmos... São muitos os efeitos que a leitura produz em nós, e ficar sem ela é estar privado de todos eles, estar alienado e desintegrado do mundo.

Há regras precisas para ensinar e aprender a ler?

Precisas não, posto que a leitura exige não só conhecimento de estruturas da

língua mas também conhecimento de mundo. Um bom caminho para iniciar um processo de ensino de leitura é fazer um levantamento prévio do que se vai ler: o que se conhece sobre o tema, sobre o título, sobre seu autor, que hipóteses ou idéias ou estruturas se podem esperar a partir dos elementos iniciais disponíveis ou sobre o gênero ou tipo de texto – uma carta, uma narrativa, uma poesia... Bacana também é fazer, antes da leitura, com quem irá ler, uma prévia do significado de algumas palavras, estruturas, metáforas/imagens: o que pensam sobre elas, que idéias podem gerar em determinados contextos, diferentemente de outros, etc. Depois, confrontar com o sentido que adquiriram naquele texto em especial, etc.

Depois, fazer uma boa paráfrase sobre o texto lido ou um bom resumo (oralmente ou por escrito) também favorece a compreensão, pois são retomados elementos lingüísticos e estruturais importantes.

Ler com expressividade para seus ouvintes também pode seduzir à leitura. Quem ouve uma boa leitura, com bastante clareza e expressividade, costuma ser seduzido a fazê-la também.

Por que as pessoas dizem que “não lêem porque não têm tempo”?

Acredito que por, pelo menos, dois motivos: não desenvolveram o hábito/necessidade de ler como fonte de prazer, abastecimento mesmo (refiro-me a obras completas, porque seguramente todos lêem, todos os dias, muitos tipos de textos em diversos portadores – painéis, bulas, trajetos de ônibus e metrô, cardápios, folhetos, manuais de instruções); também não têm como valor sociocultural ler um bom livro, um jornal, assim, o tempo que lhes sobra é dedicado, muitas vezes, à televisão, ao bar, à conversa com amigos, etc.

Ademais, leitura pede reflexão e envolvimento, capacidades pouco desenvolvidas nas pessoas, em geral.

Qual o melhor lugar e o melhor horário para ler?

Cada pessoa tem seu próprio processo de concentração e envolvimento, entretanto certos tipos de leitura devem ser, preferencialmente, realizados em espaços tranquilos e em momentos que se possa dedicar a eles – um ônibus pode não ser o local mais favorável a leituras, mas uma poltrona em uma

70 anos de paixão

Gosto de livros desde a infância, e ler é um hábito que mantenho até hoje. É difícil dizer o porquê desse gosto – aliás, de uns setenta anos para cá é uma paixão –, porque paixão não se explica.

Ando sempre com um livro, leio muito no carro, mas nunca deixo a obra ali, porque, se for roubado, ao menos a leitura não se interrompe.

Pode haver um fator genético nesse gosto, eu ter herdado, voltada para os livros, a paixão que meu pai tinha pelas artes plásticas. Pode ser uma atração irresistível por um derivativo insubstituível à monotonia diária.

Na realidade, há muitas tentativas de explicação possíveis, mas o fato é que não consigo imaginar uma vida sem livros e sem leitura.

José Mindlin, *especial para a Folha de S.Paulo, Caderno Sinapse*, 28 de setembro de 2004, pág. 11.

sala de leitura ou em uma biblioteca silenciosa pode facilitar a concentração. Ocorre que há pessoas que lêem com música ambiente, em elevadores, em parques barulhentos, com fones de ouvido, então... tudo dependerá do processo particular que cada um desenvolver para tal atividade.

O que pode e o que não pode ser lido?

Penso que tudo possa ser lido. Há que se desenvolver o senso crítico do leitor, sua sensibilidade, seu conhecimento estético para que, ao ativar seus processos de leitura, lance mão de procedimentos de seleção/escolha sobre aquilo que deve ou não ler.

Um leitor crítico, criativo e autônomo se faz ou nasce feito?

Por experiência, percebo que, tanto por influências quanto pelo ensino, desenvolvem-se valores e habilidades em relação à leitura; a família, o ambiente leitor da sociedade ou do grupo em que se vive e, principalmente, a escola são importantes nesse processo de formação de um leitor crítico, criativo e autônomo.

Quem é responsável por estimular crianças e jovens a ler? A família, a escola, a biblioteca, a cidade, a sociedade?

Todos têm essa obrigação. Já encontrei pais analfabetos incentivando seus filhos a ler, inclusive para eles. De outro modo, já presenciei adultos, formados, que não possuíam livros em suas residências e reclamavam por terem de adquirir livros para seus filhos lerem.

Da mesma forma que há escolas que fazem germinar, por intermédio de bons professores, o leitor em seus alunos, há outras que mantêm sepultados até grandes acervos, sem propor caminhos de leitura a seus discentes.

Uma sociedade sem bibliotecas disponíveis e sedutoras conduz seu povo à insensibilidade e ao desconhecimento.

Odonir Araújo de Oliveira é professora de língua portuguesa, assessora pedagógica para o ensino da língua e autora de materiais didáticos para alunos e professores.



QUARTA PARTE

Leitores e mediadores

Uma conversa de aproximações
e andanças desvendando segredos
da aprendizagem de leituras

Entre o leitor e o texto: a palavra e o gesto do mediador

Bendito o fósforo que ardeu e acendeu a fogueira!
Bendita a labareda que ardeu no âmago do coração



Sonia Madi
Pesquisadora do CENPEC
e mestre em educação

1. Três histórias para iluminar o caminho

O assunto desse texto é a mediação, e escolhi iniciá-lo por esse relato, seguido de outros dois relatos, sempre acompanhados de comentários. Acompanhe-me.

No cinema

Certa vez acompanhei um grupo de 350 crianças de aproximadamente 12 anos ao cinema. Era a primeira vez que iam ao cinema, pois moravam em um município dos arredores de São Paulo onde não havia muitas ofertas desse tipo de atividade cultural. Estavam eufóricas, eram muitas as expectativas, e elas faziam perguntas durante o trajeto, antecipando a experiência.

Todas se acomodaram na sala e o filme começou. Passados poucos minutos, a agitação se instalou, conversavam, corriam, iam ao banheiro, algumas abriam seus lanches e sentavam-se no chão para comer.

Outros descobriram rapidamente que se ficassem em frente à tela teriam suas sombras projetadas, o que lhes deu grande satisfação e atraiu a atenção de todos. Essa peripécia acabou por concorrer com o filme e inviabilizar sua continuidade. A projeção foi interrompida por diversas vezes, eu e as professoras que as acompanhavam tentamos à força introjetar as regras de como se assiste a um filme.

Quando levamos uma criança ao cinema, nas primeiras vezes, vamos apresentando a ela, aos poucos, o comportamento de quem assiste a um fil-

me. Mostramos a tela, apontando onde ela deve fixar sua atenção, pedimos que agüente mais um pouquinho quando pela terceira vez pede para ir ao banheiro, antecipamos algumas passagens do filme, acolhemos quando fica com medo e a convidamos a compartilhar momentos de alegria e... ufa, saímos aliviados, pois no fim tudo deu certo.

Observando e imitando os gestos das pessoas ao redor e entendendo as pistas indicadas, a criança vai aprendendo a assistir a um filme. A ida ao cinema obedece a rituais específicos: estar no meio de outras pessoas que não pode ver, diante de uma tela e som ampliados, prestar atenção a uma narrativa sem intervalos.

Podemos pensar, mas essas crianças não assistem à televisão? Sim, mas ir ao cinema é diferente de ver televisão, que comporta várias interrupções e zappings, desde conversas e mudanças de programação até consumo de comidas e bebidas, telefonemas e leituras. As crianças que viveram esse episódio não conheciam a forma de participar dessa situação social, e isso colocou obstáculos que dificultaram que elas usufríssem plenamente desse objeto cultural. Entendemos que as pessoas não entram em contato direto com os objetos culturais, mas o fazem mediadas por outras pessoas, pela linguagem e pelos seus valores e significados. Nas infindáveis atividades ao longo da vida, quando o conhecimento se constrói, podemos observar no mínimo três elementos: dois sujeitos – um deles mais experiente (um que ensina, que aponta signos, e o outro que aprende, que se apropria desses signos e os torna seus, dando-lhes significados) –, a linguagem e o objeto a ser conhecido.

A linguagem é o elemento articulador desse triângulo, pois é no diálogo que o sujeito organiza sua experiência, orienta sua ação e constrói seu pensamento. Quanto mais ricas e intensas forem essas interações, mais ampla, rica e profunda será a consciência dos sujeitos.

Uma criança tem acesso à cultura por meio das interações cotidianas que ela estabelece com as pessoas que a rodeiam. Tais pessoas interpretam, guiam, iniciam e complementam suas ações, de forma que a criança tem nelas um parceiro para realizar o que não consegue fazer sozinha. Nessa ação partilhada a criança resolve problemas que estão além de sua capacidade. Essa colaboração vai sendo gradativamente dispensada à medida que a criança vai se tornando capaz de fazer sozinha o que antes fazia com ajuda e, a partir desse conhecimento internalizado, ela pode construir seus conhecimentos pessoais. São os dois sujeitos envolvidos na mediação.

Dessa reflexão podemos inferir que cada texto, palavra ou imagem pedem rituais de leitura específicos que precisam ser ensinados (compartilhados) ao aprendiz por alguém que já os conheça. Cada leitura – e também estamos lendo quando vemos televisão ou um filme, quando observamos

e apreciamos uma fotografia, quando tentamos desvendar os mistérios do computador ou de um acontecimento curioso ou inexplicável – se constitui em uma prática de atribuição de sentido.

Ler uma revista, um jornal ou um livro pede novos comportamentos, outro modo de olhar, uma comunicação que precisa ser construída. Para nos apropriarmos desses textos e de tantos outros objetos da cultura letrada não basta viver cercado de materiais escritos, impressos ou eletrônicos, é necessário conviver com pessoas que usam e valorizam a leitura e a escrita em sua vida e que se preocupam em partilhar esses conhecimentos.

Recorro, a seguir, a outro relato, continuando minha análise da mediação em situações concretas de vida.

Lembranças de Toninha

Nessa época eu ainda morava na roça com meus pais e irmãos. Lá não tinha escola e nenhum de nós sabia ler. Plantávamos feijão, tínhamos umas vaquinhas e a alegria maior era ir com o pai pra cidade levar o feijão de corda e a manteiga de garrafa para vender. Era raro podermos ir, pois a passagem de ônibus era cara e não havia dinheiro para tanto. Mas, mesmo quando meu pai ia sozinho, o aguardávamos com muita ansiedade.

Nessa ocasião ele sempre passava em uma banca que vendia livretos de cordel e trazia um para casa. Como não sabíamos ler, meu pai pedia para o dono da banca ler várias vezes até que ele “guardasse na cabeça”. Sua chegada em casa era comemorada, tínhamos história nova.

Sentávamos todos ao pé do fogo e escutávamos sua leitura. Repetíamos a mesma história muitas vezes até que a tivéssemos bem “guardadinha na cabeça” e os preciosos livretos eram guardados cuidadosamente em uma caixa em cima do guarda-roupa.

Nos dias que se seguiam, líamos a história nova e, nos outros, relembrávamos as anteriores. Olhávamos para aqueles “mosquitinhos pretos” distribuídos no papel e todos desejávamos o dia em que algum de nós pudesse decifrá-los.

Toninha contou essa história em grupo de professoras que relatavam suas experiências de letramento. Escolhi recontá-la, para colocarmos um pouco de luz no significado de viver em um grupo que valoriza um conhecimento. Toninha convivia com pessoas que, ainda que não pudessem usufruir inteiramente da escrita, conheciam seu valor, sabiam o que ela significava e a representavam como alcançável.

A família de Toninha pôde se divertir e encantar-se com as histórias porque não se sentia diminuída por não saber ler e, ao mesmo tempo, pôde colocar no horizonte um sonho: o de tornar-se independente tanto dos vende-

dores que liam quanto da aflição de ter que guardar e confiar na memória (mediadores) as narrativas.

Toninha e muitos de seus irmãos se alfabetizaram e hoje, sempre que voltam ao sítio, levam novos livros e os lêem para seus pais, que as escutam orgulhosos. O valor de determinado conhecimento para um indivíduo é dependente das interações que em torno dele se estabeleceram.

Acompanhe o terceiro relato.

O que está escrito aqui?

Júlia é filha de pais que usam a escrita em seu cotidiano e, dessa forma, desde pequena ela observava-os lendo e escrevendo. Toda noite era o mesmo ritual: escutar histórias lidas pela mãe nos livros, recontar as mesmas histórias apoiando-se nas ilustrações e na memória.

Escolhia os CDs que queria ouvir e os vídeos a que queria assistir “lendo” suas capas. Imitava o pai sentando-se no computador e batendo com os dedinhos no teclado.

Acompanhando a mãe no supermercado, escolhia os produtos que ia colocar no carrinho observando seu rótulo e às vezes perguntava “o que está escrito aqui?”.

Quando queria a atenção da mãe pegava um livro pedindo-lhe que lesse e sabia que dessa forma sua mãe abandonaria tudo o que estava fazendo para estar com ela. “Escrevia” cartas para o pai que estava ausente numa viagem e procurava diariamente, na caixa do correio, pela resposta.

As experiências de Júlia e Toninha demonstram que, muito antes de dominar o código escrito, elas estavam imersas em situações de leitura e escrita. Os adultos com os quais conviviam liam e interpretavam o que liam para elas e as convidavam a atribuir significado aos textos, ajudando-as a “ler”. Fica evidente que essas meninas se apropriaram dos comportamentos que eram de seus pais e aprenderam, muito precocemente, alguns dos usos da leitura e da escrita. Elas perceberam que as pessoas escrevem e lêem sobre “coisas” que fazem sentido.

Júlia cresceu em uma família que utilizava a leitura e a escrita em seu cotidiano, interagindo com ambas nas formas em que ela está presente na



Óculos de Leitura

Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino.

Bartolomeu Campos de Queirós, em depoimento para NA PONTA DO LÁPIS – Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro, Ano 1, Número 2, Agosto/Setembro 2005 – CENPEC.

cultura letrada. Toninha, apesar de todas as limitações que a vida lhe impu-
nha, aprendeu desde cedo o valor da leitura e escrita. Com certeza, Toninha
e Júlia compreenderam a função social da leitura e da escrita, pois viveram
inúmeros eventos que contribuíram para a construção desse significado.

2. Além dos relatos, algumas pistas para um mediador

Um mediador poderá estar rodeado de pessoas que não tiveram a sorte de
Júlia e Toninha, que conviveram em grupos que abriram os caminhos para
que elas usufruíssem o prazer de ler. Ele poderá ser o principal informante
do grupo. Com sua ajuda, a partir de atividades pensadas, planejadas, orga-
nizadas e propostas para esse fim específico, os aprendizes de leitura serão
despertados para o prazer de ler. E para isso pelo menos duas coisas são
importantes: gostar de ler (ser o mediador também ele um leitor) e seduzir
o outro para entrar no mundo das letras (ter à mão o controle de situações
que instiguem, que cutuquem, que mexam com as vontades e interesses do
aprendiz).

Vamos fazer um exercício de memória. Pense em algo que você gosta
muito, cozinhar, jogar bola, ler poesias, tomar banho de mar... É possível que
você encontre no início desse gosto alguém que colaborou para que esse



prazer se instalasse, alguém que estava “no meio” da situação, alguém que tomou sua mão e mostrou-lhe o novo caminho, alguém que abriu seus olhos e apontou um novo horizonte, alguém que soprou a poeira e permitiu-lhe ver o diferente: uma avó que cozinhava muito bem e que a valorizava muito quando você subia no caixote para alcançar o fogão, um pai que lhe deu a primeira bola e elogiava sua agilidade e dribles para chegar ao gol, uma platéia que se admirava com suas declamações, uma mão segura para pular as ondas do mar.

Com a leitura – e a escrita – não é diferente. Muitos estudos mostram que é o adulto que se esforça para que a criança coloque a leitura e a escrita como foco de sua atenção. Inicialmente o “jogo de sedução” é montado pelo adulto tentando conseguir o interesse da criança para a possibilidade de ler as “coisas escritas”.

No início, uma criança não se interessa espontaneamente, mas se ela tem ao seu redor um adulto que se empenha para que isso aconteça ela irá logo perceber que folhear um livrinho, imaginar que história existe registrada nele, inventar uma história, perguntar o que está escrito ou prestar atenção na história que é contada garante a atenção dos adultos com ela, garante o adulto por perto, “no meio”, dentro da situação. Ela percebe que seus familiares abandonam outras tarefas e atividades para estar com ela. Esse jogo de papéis se passa em um cenário de proximidade física, atenção irrestrita, terreno fértil para que se instalem momentos de prazer que gradativamente vão se transferindo para os livros.

Com os jovens não é diferente. Ivan Angelo, um renomado escritor brasileiro, contou que, quando era apenas um rapazinho do colegial, não tinha nenhum interesse por livros, até o dia em que a bela professora de português lhe perguntou se ele havia se inspirado em Rubem Fonseca para escrever sua redação. Ivan não tinha a menor idéia de quem fosse o citado escritor, até que a professora trouxesse para ele ler um dos livros daquele autor. Depois do primeiro, seguiram-se outros e outros. O menino inicialmente lia para ter um momento de atenção, aos poucos foi devorando tudo que ela lhe oferecia. Hoje, tem instalado esse desejo, que é só seu.



Classificado Quase Lúcido

Procura-se uma chave mutante, que muda de tamanho conforme a fome e a vontade de ler da pessoa que a possuir. Quanto mais a pessoa puder, quiser e souber ler, maior será a chave. Quanto maior a chave, mais ela poderá ser usada: descobrir segredos, encontrar pistas de amor e jeitos de viver, desvendar senhas de novos caminhos, apontar razões para a solidariedade, exaltar vontades de diálogos e entendimentos, acessar prazeres científicos.

Quem encontrar a chave mutante poderá usá-la à vontade, por quanto tempo quiser. Assim será gratificado. Para devolvê-la basta procurar um novo dono, alguém com olhos do tamanho do mundo, alguém que goste de abrir guardados e que curta novos, novíssimos e novidadeiros significados na vida.

O domínio da leitura e da escrita começa nas interações orais

Como já disse, a criança é inserida na cultura pela mão de um outro sujeito mais experiente que, através de múltiplas interações, planejadas ou não, vai recortando os objetos do real, atribuindo-lhes significado e convidando a criança a também significá-los. Vamos analisar então de que maneira se dão essas interações, como são os rituais em que a criança se apropria de significados trazidos pelo livro de história e constitui-se leitor no interior de práticas discursivas.

A criança pequena, de lares letrados, aprende a falar quase ao mesmo tempo em que inicia seu interesse pela leitura e escrita. Os jogos interativos que se estabelecem em torno dos objetos em geral e dos materiais escritos são muito semelhantes.

Observe um adulto se relacionando com uma criança que está aprendendo a falar. Ela se expressa de forma fragmentada e não tem o domínio dos modos de estruturar o discurso para se fazer entender. Ele, por meio de inúmeras interlocuções, vai recolhendo esses fragmentos, tentando entendê-los e organizá-los de forma que façam sentido.

Nesse processo, utilizam-se de várias pistas, tais como: “cadê o au au” (reconhecimento), “o que está ele está fazendo” (ação), “quem é esse aqui” (nomeação), “como é que ele faz” (dramáticos), “como foi... o que aconteceu” (contar). A criança tenta imitar a fala do adulto, o adulto complementa a fala da criança e/ou dá pistas para que ela complemente, e nesse partilhamento as comandas vão aos poucos sendo incorporadas pela criança.

Essa interação, que muitas vezes se inicia na família, continuará nos outros espaços sociais educativos que têm no desenvolvimento da linguagem oral um de seus objetivos. É através do domínio da palavra que a criança estará se constituindo como sujeito e tornando-se capaz de manipular o mundo, construindo uma compreensão do real sem a presença material dos objetos, ou seja, constituindo a sua consciência.

É importante criar situações em que a criança tenha que se comunicar oralmente com diferentes objetivos: narrar, convencer, opinar, fazer rir, emocionar, informar, dar instruções etc., pois essas competências são os recursos fundamentais da expressão e comunicação, base de um bom desempenho futuro em leitura e escrita.

Em situações de leitura

Um aspecto importante é garantir a “magia” (a permissão e estímulo à imaginação, à fantasia, ao pensamento diverso e livre) dos momentos de leitura. Para isso, organize o ambiente leitor para proporcionar aconchego e a pos-

Gil & Elô

Elô,

Tô com um baiiita ponto de interrogação na cabeça que resolvi lhe escrever pra compartilhar.

Ontem eu fui com o meu cunhado, que trabalha numa editora, assistir à entrega de uns prêmios de publicações.

Achei curioso tanta gente em torno do trabalho do livro. Fora isso, me chamou muito a atenção o discurso de um dos organizadores do evento. Ele informou que só 15% da população brasileira tem acesso a livros. Não é pouco demais????!!! O que será que acontece? Lá se falou muito em estimular "políticas públicas de leitura".

O que seria isso? Não sei se quanto mais se vendem livros, mais significa que o nível de leitura tenha se ampliado. Quantidade é qualidade? Nossa, parece que tô pegando pesado. Aguardo o seu retorno.

Beijão,

Gil

Meu!

Você tá atormentado, hein?!!!

As coisas não precisam ser assim – pão-pão, queijo-queijo. Pode ser "pão de queijo", né?

Ler é um imperativo da sociedade letrada em que a gente vive. Daí, que é preciso publicar: revista, jornal, livro. Mas você tem razão: é preciso ter vontade de ler. Isso se cria – alguém que nunca escovou os dentes vai criar essa necessidade?

Tá, tá, tá – são coisas diferentes pra gente comparar; só pra lembrar: a gente não nasce sabendo ler e gostando de ler. Então, é preciso exercitar – seja na escola, na biblioteca do bairro, no ponto do ônibus ou, até, no banheiro.

Ra ra ra!!! Verdade... Uma amiga minha conseguiu fazer o filho se interessar por leitura colocando revistas e palavras cruzadas no banheiro (não sei se os médicos e o intestino aprovam, mas que funciona, funciona...rs...).

Eu já ouvi dizer que tem gente que nasce com o "dom de ler". Sortudos, né? Os outros, que são maioria, precisam ser estimulados, motivados, persuadidos.

Com tantos livros lindos, de ilustrações maravilhosas, imagens e textos se completando, fica mais fácil. O tempo e a prática ajudarão, com certeza. Mas isso se faz com exercício. Musculação de leitura, tá ligado?



sibilidade de participação das crianças. A escuta de histórias proporciona grande prazer às crianças, principalmente se você escolher histórias que também o encantem e nesses momentos estiver envolvido de corpo e alma.

É importante que as histórias sejam narradas em pequenos grupos para que as crianças possam observar tanto os gestos do contador quanto as ilustrações, pois são eles que imprimem movimento às figuras e permitem que os jovens aprendizes percebam que uma história se passa com um mesmo personagem.

Constatei isso quando convivia com crianças que tinham poucas oportunidades de participar desses rituais. Um dos exemplos se deu com um livro que mostrava o movimento de um gato caindo de um telhado, através de vários gatos interligados por flechinhas indicando o movimento de caída. As crianças não conseguiram, no lugar de leitores, perceber que era um único gato.

Para crianças que têm oportunidades de escutar e partilhar de histórias lidas em voz alta, desde cedo, em interações face a face, e de reproduzi-las, seu interesse pela leitura e pela literatura pode vir como consequência natural. Para uma grande maioria, no entanto, que só participa desses rituais em grandes espaços, e sem muita frequência, são necessárias outras mediações até que elas possam ler convencionalmente e com autonomia. O que me leva a refletir e confirmar que a continuidade, a frequência, a intencionalidade e a qualidade das atividades de interação propostas para os aprendizes de leitura são fatores determinantes.

As histórias lidas possibilitarão a internalização do discurso narrativo escrito, ampliando para os ouvintes as possibilidades de interpretar leituras e produzir textos. No entanto, o mediador/animador pode intercalar o contar, o ler e o dramatizar, porque para a criança ou qualquer pessoa que não tenha o hábito de escutar histórias lidas é difícil manter-se atenta quando a história é apenas lida.

Por meio de jogos interacionais (situações em que o adulto aponta, nomeia, pergunta o que é, onde está, o que a personagem está fazendo, como faz, etc.), a criança poderá ser envolvida na história, alternando a apresentação das personagens, o questionamento sobre suas ações, com a leitura de alguns trechos.

Essa prática, além de contribuir para o desenvolvimento da atenção voluntária, possibilita que a criança passe, gradualmente, do papel de ouvinte e participante ao de narradora. Aos poucos, será capaz de contar e ler (ainda que não convencionalmente) a história, sem a assessoria de alguém mais experiente.

As narrativas são instrumento privilegiado para inserir uma criança no mundo da escrita. Fazer relatos, contar “causos” ou histórias são importantes conquistas para a comunicação oral e para a compreensão da escrita.

3. Observações de meio do caminho

Do que escrevi anteriormente, apesar da pequena extensão das informações, diante do vasto panorama de registros sobre o assunto, pode-se concluir sobre a necessidade de observação de alguns fatores, importantes e necessários. Bem no meio do caminho, fazendo das pedras a calçada, olhando para trás e para a frente, vale a pena afirmar:

- Crianças (e todas as outras pessoas) aprendem em situações sociais em que compartilham o que sabem e o que não sabem com outras pessoas.
- As pessoas sempre desempenham papéis de mediadores compartilhando com as outras o seu conhecimento, por gestos, silêncios, olhares, vozes, palavras, idéias, sentimentos.
- Algumas pessoas têm a função socialmente proposta de serem “mediadores”, ou seja, de compartilharem situações sociais de aprendizagem de modo organizado e intencional.
- Os mediadores estão no meio, no meio do caminho, no meio da atividade, no meio da vida: são presentes, mas não eternos, e objetivam a autonomia dos aprendizes.
- Um mediador será sempre um animador, alguém que põe ânimo e alma no que faz.
- Mediar pode significar, também, o exercício de dar espaços às vozes existentes nos aprendizes.
- O mediador deve sempre estar atento às possibilidades de criar, organizar e propor atividades interessantes, instigantes e socialmente válidas.



- Não há espontaneísmo na mediação: aprender implica provocar e oferecer alternativas para deslocamentos de significados.
- Ler e escrever são atividades legitimadas e valorizadas na atual sociedade, e esse valor também deve ser incorporado pelos aprendizes.
- Ambientes mais ricos em objetos de conhecimento e em situações de convivência favorecem a aprendizagem.
- De modo geral, a sociedade como um todo se investe do papel de criar oportunidades de leitura e escrita, mas um ambiente específico, estimulante e aconchegante é muito mais determinante na aprendizagem da leitura e da escrita.

Ficam registradas para uma primeira reflexão, nunca definitiva, sobre a mediação. Mediadores e animadores são fundamentais e decisivos nas situações de compartilhamento do prazer de aprender a ler e escrever.

QUINTA PARTE

Ocupando espaços e fortalecendo mentes

O mapa do tesouro, um caminho de vontades e disponibilidades, régua e compasso de invenções de novos mundos



Ocupando espaços e fortalecendo mentes

Um roteiro de ações para organização e funcionamento de um espaço de leitura, para além das limitações corriqueiras e da pasmaceira dos olhares não-leitores.

Edson Gabriel Garcia
Escritor e educador



Alice, perdida, perguntou ao Chapeleiro Maluco:

– Onde vai dar esse caminho?

O Chapeleiro Maluco respondeu com outra pergunta:

– Onde você quer ir, menina?

Alice, pega de surpresa com um resposta-pergunta, disse:

– Ah... não sei.

O Chapeleiro Maluco concentrado em sua resposta respondeu-lhe:

– Ora... ora... para quem não sabe aonde quer ir qualquer caminho serve!

(Adaptado de Alice no País das Maravilhas, obra-prima de Lewis Carroll)

Aonde queremos chegar?

A recente divulgação de pesquisas sobre o desempenho dos brasileiros no quesito da leitura traz de volta preocupações com a qualidade da cidadania nacional. Como desfrutar de eventuais conquistas cidadãs, se o desempenho de leitura da maioria dos brasileiros é assustadoramente rudimentar?

Depois do susto, as reflexões.

Em primeiro lugar, a constatação da pouca produtividade das instituições, públicas ou privadas, encarregadas de educar, de ensinar e promover a leitura. Lemos pouco e mal. Mesmo entrando no século XXI, a revolução tecnológica na comunicação entupindo o cotidiano com informações, continuamos com um pé nos problemas do século passado: lendo pouco, escrevendo menos ainda, presas fáceis das garras da ignorância, estamos ainda distantes da nação leitora, necessária e desejada.

Nessa mesma direção, a indústria editorial brasileira teve queda de produção e voltou aos índices do início da década de 90, apesar do ligeiro aumento da renda familiar do brasileiro. O que se pode concluir dessa indicação? Alto custo do livro, concorrência com outras fontes de informação e lazer, falta de tempo.

A ausência de políticas públicas claramente definidas, efetivamente propostas e permanentemente mantidas, também contribui para a baixa qualidade dos números da leitura e das ações leitoras. Mesmo o governo brasileiro tendo se tornado o maior comprador de livros do país, o problema não tem sido resolvido.

Diante desse quadro pouco animador, a pergunta que nos fazemos é: o que fazer? E a resposta mais imediata é: ler! Isso mesmo: ler. E como fazer a leitura tomar vida, criar força, buscar assento, tomar posição? A seguir, sugestões de planejamento e execução de práticas possíveis, necessárias e viáveis para a construção de um espaço de leitura e promoção da leitura.

1. Planejamento

Planejar é uma das características que nos diferenciam dos demais animais vivos. Enquanto eles sobrevivem no ambiente em que habitam, relacionando-se no limite da sobrevivência, troca mínima com a natureza, os homens produzem cultura, alterando e interferindo no ambiente em que vivem.

Os homens não se contentam em apenas retirar do ambiente o que precisam para sobreviver. Tiram matérias-primas, mudam a face do planeta, devolvem restos e lixos, despejam líquidos e gases transformados, derrubam e erguem monumentos e alteram os acidentes geográficos. Produzem cultura e criam valores. É nesse contexto que um planejamento se dá.

O planejamento é a primeira etapa, constituída por um forte componente emocional, “o desejo de ver um projeto em ação” e por um outro componente, não menos forte, a reflexão sobre as condições existentes em comparação com as necessárias.

Planejar, portanto, é uma das condições privilegiadas dos homens, que nos permite considerar o passado e agir no presente, de olho no futuro. E fazemos isso com constância e frequência, em nosso cotidiano.

Planejamos o que fazer com o orçamento doméstico, planejamos o final de semana, planejamos as férias, planejamos nossos relacionamentos, planejamos nossos maiores sonhos. Planejar é pensar, considerando o que queremos (os sonhos aí incluídos), o que temos, o que podemos.

Planejar um espaço de leitura significa:

- Definição do tipo de espaço (centro de multimeios, biblioteca, sala de leitura, cantinho de leitura, etc.).
- Definição e levantamento de realidade do local de funcionamento.
- Definição do público a ser atendido.
- Levantamento dos recursos materiais e pessoais já disponíveis e do necessário (acervo, inclusive e principalmente).
- Proposição de um cronograma.
- Busca de uma parceria (ONG, patrocinador, mecenas, governo, etc.).

Ao definir as etapas anteriores, obrigatoriamente, serão definidos a justificativa, os objetivos, os recursos disponíveis e os necessários, o público a ser atendido e o modo de operação.

Objetividade, criatividade e coerência devem acompanhar o planejador. Também deve ser pensado o marketing do espaço: criação do nome, fortalecimento da marca, da identidade, projeção do espaço, “venda” da idéia, do trabalho, do espaço para a comunidade usuária e externa.

É preciso quebrar o ranço de que marketing diz respeito apenas ao consumo de roupas, carros, edifícios, perfumes, sapatos, filmes, novelas, etc.

Marketing é a ação de fixar na mente das pessoas que um determinado produto ou serviço tem qualidade superior, merece ser visto, merece ser “consumido”, pode ser comprado, pode ser incorporado, precisa receber apoio, etc.

Comece, portanto, criando um nome para o seu espaço de leitura. Envolve as pessoas nessa decisão. Crie um slogan, um lema, um grito de guerra. Envolve o nome e o slogan em temas abrangentes de valorização social da leitura, de identidade cultural, de cidadania, de direitos cidadãos, de melhoria da qualidade de vida.

O nome, a marca e o slogan acabam por ganhar espaço no entendimento das pessoas, que passam a ter mais simpatia e melhor acolhimento pelo serviço oferecido. Envolver outras e tantas pessoas, quanto mais gente melhor, é a grande sacada de projetos vitoriosos contemporâneos.

Aposte nessa direção: quanto mais a sua comunidade se envolver no projeto, maior será o sucesso do empreendimento.

2. Ocupação do espaço

Se o seu projeto não é itinerante, certamente o espaço é fundamental. Basicamente, quando falamos de espaço de leitura, estamos pensando em:

- Espaço físico construído (amplo e adequado às funções que se propõem).
- Mobiliário, próprio ou adaptado (mesas, cadeiras, prateleiras, estantes, caixas e caixotes, murais, tapetes, almofadas, etc.).
- Equipamentos (computadores, impressora, material para controle de empréstimo, equipamentos de outras mídias, baús com roupas e acessórios para dramatização e improvisação, panos, estrados, armação de madeira para uso de fantoches, fantoches, bonecos e personagens, material de consumo, etc.).
- Acervo.

Estas são as necessidades básicas componentes de um espaço de leitura minimamente preparado para o início do trabalho. Bem preparado e organizado, é referência, ponto de partida e chegada, mesmo sendo um caminho em constante construção.

O espaço de leitura deve ser amplo, aconchegante, gostoso, limpo, organizado. Criativo. Quando os recursos não são suficientes para aquisição de tudo, logo de saída, a criatividade deve entrar em ação e buscar saídas interessantes, diferentes, inteligentes.

Se as prateleiras e estantes ainda não chegaram, os livros precisam de mobiliário para se acomodar e serem expostos. Um baú reciclado ajuda, uma caixa de madeira recuperada também. Ganchos de metal perdidos em algum depósito podem servir para perdurar livros, coleções. Um varal de roupas que ninguém mais quer poderá servir como expositor de um varal permanente de poemas ou de artigos ou opiniões. Assim por diante, não há limite para a criatividade.

A inventividade também deverá ser colocada em prática quando a organização do espaço de leitura for pensada. Onde e como expor os livros, que “cantos” deverão compor o espaço (cantinho das fadas, das bruxas, dos poetas), que promoções serão rotineiras (autor do mês, mês dos contos de fadas, espaço para contação de histórias). O mural ou murais deverão ser espaços vivos, a voz de quem lê e quer continuar a conversa. Ou a voz de quem ainda não leu e procura indicações. A voz múltipla de quem fala por outros textos: artigos, informações, campanhas, etc.

O espaço de leitura deve ser aconchegante, instigante, conversador, atraente, convidativo. Deve ter cara, jeito e perfume de gente. Deve conversar com os leitores ou futuros leitores. E, sobretudo, deve ter um nome.

Finalmente, uma última observação: o espaço não precisa ser o único encontro e ponto de diálogo dos leitores usuais ou potenciais com as obras e textos. Um espaço estendido, expandido e móvel também é possível. Outras

paredes podem anunciar livros novos ou provocar curiosidades. Uma cesta ou uma caixa ou um baú acoplado a uma velha bicicleta pode ganhar outros espaços e percorrer a comunidade oferecendo livros, textos, conversas e diálogos. Amplie os limites do espaço. Não deixe que o espaço limite o seu horizonte.

Acervo

Acervo é um substantivo coletivo. Indica uma coleção, um conjunto de objetos da mesma natureza. Um acervo de livros, de documentos históricos, de quadros, etc. Um acervo de uma sala de leitura pode ser composto por livros, artigos, mapas, documentos, DVDs, fitas de vídeo, etc.

Inicialmente, um espaço de leitura deverá privilegiar acervos de livros. Parte do acervo poderá ser doada. Quando for o caso, dependendo da fonte doadora, podem ser adotados os critérios de qualidade, de interesse e de pertinência do material doado. Caso contrário, a doação nada mais é do que uma ação de botar para fora objetos inservíveis, velhos, desatualizados.

Parte do acervo poderá ser comprada. Quando for o caso, alguns critérios poderão ser observados, tais como:

- Variedade (de temas e de gêneros: livros de poesia, de ficção científica, de terror, de aventuras, de fantasia, de contos, policiais, romances; livros de curiosidades, de informações sociais e científicas; dicionários e pequenas gramáticas da língua portuguesa).
- Adequação à faixa etária dos leitores (critério bastante discutível, que deve funcionar mais como um referencial do que uma orientação rígida). Catálogos de algumas editoras prestam esse serviço, na maioria das vezes de modo muito rígido, já que se destinam à adoção, e adoção se processa sempre por séries escolares. À medida que o leitor vai se formando e se interessando mais e mais por leitura, maior é o seu olhar e possibilidade de escolha. Por outro lado, alunos mais velhos que não passaram por etapas iniciais, por leitura dos contos de fadas, por exemplo, poderão querer lê-los, por mais estranho que possa parecer. Não há problema nenhum nisso.
- Qualidade material (em tempos de consumo rápido e efêmero, os objetos costumam ter vida breve, o tempo do perfume que as flores exalam. Procure mesclar qualidade material com os outros critérios, inclusive preço).
- Qualidade visual (principalmente os livros destinados aos leitores menores, em que as ilustrações desempenham um papel fundamental, a qualidade gráfica e visual deve preponderar. Nossa indústria gráfica e

nossos artistas da imagem têm qualidade de sobra para produzir verdadeiras obras-primas.

- Qualidade de textos (não confundir esse critério com censura). Qualidade de texto, talvez o critério mais difícil para balizar escolhas, deve permitir a separação dos textos bem escritos, que respeitam a língua e criam imagens literárias bonitas, fugindo da mesmice. Os textos não literários, que também deverão fazer parte do acervo, devem ser bem escritos, claros, objetivos. Os livros premiados podem ser um balizador, embora nunca o único. Os livros que superam a barreira do tempo e continuam sendo publicados e lidos durante muito tempo são, sem dúvida, um indicador de qualidade.

A escolha de um acervo, em tese, deveria sempre ser feita por quem vai usá-lo. Os leitores formados não pedem para outras pessoas comprarem ou emprestarem livros em bibliotecas. Eles mesmos se encarregam dessa tarefa. No máximo ouvem sugestões. Uma escolha de acervos sempre envolverá preferências pessoais. O importante é garantir a variedade.

3. Coração batendo, olhos abertos e mãos na massa: fazendo a leitura acontecer

Colocar em funcionamento um espaço de leitura significa conjugar muitos verbos de ação: propor, procurar, arrumar, instigar, conversar, oferecer, dialogar, expor, organizar, pedir, controlar, arrumar, contar, olhar, brincar, ouvir, trocar, propagar, buscar, abrir, fechar, limpar, sensibilizar, mostrar, ensinar, dirigir, vender, mostrar, improvisar, criar. A lista é imensa e permite mais e mais.

Algumas regrinhas básicas sem as quais os finais de semana continuarão acontecendo do mesmo jeito, mas com as quais as coisas poderão andar melhor no espaço de leitura.

- Nenhuma regra é definitiva.
- O leitor tem sempre razão.
- Quem lê por último sempre lê melhor.



Classificado Quase Lúcido

Procuram-se leitores, pessoas que se locomovem entre as palavras com a facilidade de quem sonha com diálogos filosóficos.

Oferecem-se casa, comida e conversa boa. As paredes e o teto da casa são feitos de livros, a comida é feita de deliciosas idéias e a conversa boa é sobremesa farta nesse ambiente.

Se os leitores andam um pouco desencantados, nosso chá de pensamentos, regado com biscoitos do bom saber, ajudará a recompor a alma necessária ao exercício da leitura.

- Um livro fechado não vale sequer o papel.
- Gente nasceu para brilhar e... andar com os olhos cheios de livros.
- Sala de leitura fechada é sinônimo de ignorância.
- Em matéria de leitura, prefira a criatividade à repetição da mesmice.
- Ofereça livros o tempo todo.
- Não aceite um não como resposta.
- Cada um tem seu ritmo próprio de leitura.
- Livro roubado é como coração roubado: denuncia um novo apaixonado na praça.
- Simpatias também ajudam na promoção da leitura (experimente réstias de alho penduradas atrás da porta).
- Seja você também um leitor.
- Acredite: uma boa história cura paixão recolhida, dor-de-cotovelo, saudade, tristeza embutida, bicho-de-pé...
- Não esconda os livros: exponha-os. Nada de mostrá-los pela lombada. Quem gosta de lombada é chicote.

Há muitas ações a serem desenvolvidas, dependendo das condições próprias de cada espaço, de cada local, cada grupo, do conjunto de participantes, do tamanho do acervo, do tempo aberto, de disponibilidade de cada formador de leitores. Sugerimos, a seguir, algumas ações possíveis, necessárias e desejáveis.

Organização e controle

São necessárias ações de:

- Organizar os livros por temas, assuntos ou gêneros, dispendo-os de modo que sejam vistos.
- Organizar os livros por interesses dos leitores (cantinho das fadas, de poesia, de terror, etc.).
- Controlar o empréstimo dos livros através de um livro/caderno apropriado ou de um programa simples de computador.
- Registrar os livros existentes no espaço de leitura em um livro de tombo apropriado ou em um programa de computador.
- Registrar os dados dos usuários, sua progressão como leitores, em um programa de computador.

Regra básica: o controle deve ser feito no limite da avaliação e do acompanhamento, sem jamais ser impedimento de empréstimo ou uso.

Divulgação e construção da identidade do projeto

São convenientes e interessantes as ações de:

- Criar o nome do espaço.
 - Criar um slogan para o espaço/programa/trabalho.
 - Vincular o espaço e a promoção da leitura com cidadania, melhoria na qualidade de vida, direitos, etc.
 - Divulgar o espaço e suas ações.
 - Vender a qualidade do trabalho.
 - Divulgar as realizações.
 - Procurar parceiros.
 - Ampliar número de voluntários.
 - Envolver a comunidade usuária real ou potencial.
- Regra básica: diga ao mundo que vocês existem, que o trabalho é bom, que aceitam novos parceiros.



Ampliação de acervo

São desejáveis ações de:

- Realizar campanhas de doação (deixando claras as necessidades do espaço/sala de leitura, descartando material superado).
 - Aquisição de livros com recursos próprios.
- Regra básica: livros são bens de consumo de duração não muito longa. A reposição deve ser feita continuamente, com novos exemplares dos livros já tombados e com novos produtos.

Criação de programas rotineiros

São necessárias e desejáveis ações de:

- Criar momentos específicos de empréstimo de livros.
 - Criar espaços, locais e peças próprias para promover a divulgação de novos livros.
 - Criar cantinhos (como das fadas, das bruxas, de ficção, de terror, de poemas, entre tantos outros).
 - Propor o autor do mês (escolher um autor e explorar sua vida, sua obra, com pesquisas, entrevistas, etc.).
 - Criar a hora da história (histórias contadas pelo formador/educador/voluntário ou por pessoas da comunidade).
- Regra básica: a rotina também faz parte da vida das pessoas. Saber que, por exemplo, toda terça-feira, de manhã, uma história será contada aproxima os usuários e ajuda-os a organizar sua vida.

Aproximação e oferta de material de leitura

São desejáveis as ações de:

- Apresentar-se e agir como leitor e deixar isso explícito aos leitores/as principiantes (o formador de leitores tem que ser também um leitor, uma leitora).
 - Receber leitores com bom humor e alegria (promover a leitura não combina com azedume e mau humor).
 - Conhecer os produtos que há para serem lidos e oferecê-los no momento certo ao leitor certo (uma garota que descobre o amor em sua vida certamente gostará de ler uma história de amor ou um almanaque de amor).
 - Ampliar a oferta de livros para a comunidade, levando os livros até as casas dos possíveis leitores, como verdadeiros mercadores da leitura (cestas, sacolões, caixas e baús servirão para levar os livros aos leitores).
- Regra básica: o livro tem que ser apresentado e oferecido ao leitor; o leitor tem que ser convencido de que ler é muito melhor do que ele pode imaginar.

Diálogos com a leitura

São desejáveis e possíveis ações de:

- Utilização permanente de murais para exposição de artigos selecionados pelos leitores, textos produzidos pelos leitores a partir de outras leituras, exposição de resenhas feitas pelos leitores, etc.
- Criação de um varal para divulgação de livros, artigos, poemas, textos feitos pelos leitores, etc.
- Registro da memória de leitura de cada leitor, em cadernos próprios ou no site do programa ou no computador.
- Trocar correspondências com outros leitores, por e-mail ou correio, sobre livros e leituras.
- Produzir textos, em outras linguagens, a partir das leituras.

Regra básica: estimule o diálogo do leitor com os textos impressos – e eletrônicos – antes, durante e depois da leitura.

Aí estão algumas orientações para a implantação de um espaço de leitura e promoção da leitura. Adapte-as ao seu projeto, ao seu cotidiano, e vá em frente. Não dispense a criatividade, a quebra da rotina, a inventividade. Olhe as coisas por outro lado, de outra maneira. Busque saídas menos comuns. Instigue, desburocratize, converse, peça ajuda. Seja dono de sua prática. Pratique leitura você também. O melhor caminho pode ser esse.

O mapa do tesouro

Edson Gabriel Garcia
Escritor e educador

Como se sair bem nas atividades de incentivo à leitura em quinze e meia preciosas lições. Um roteiro despretenso com dicas para chegar ao sucesso como programador e estimulador das práticas de leitura. Como todo roteiro, admitem-se falhas, lacunas e incompletudes. Como todo roteiro, aceitam-se novas lições, emendas e sugestões, desde que devidamente assinadas por sujeitos interessados, interessantes e éticos. Até porque nele não há desvios, pistas falsas ou alarmes enganosos. Ramos de arruda e dentes de alho poderão ajudar na leitura e no entendimento do roteiro. Mas não perca de vista um lembrete em boa hora: como todo roteiro, este também está sujeito a chuvas e trovoadas.

Primeira lição: crie um ambiente leitor

Se o objetivo a ser atingido é o sucesso nas atividades de leitura, nada mais acertado do que organizar um ambiente leitor, onde a visualização dos objetos de leitura seja fácil, o acesso não seja dificultado e a ilustração ambiental seja estimulante. De que adianta um espaço bonito, perfumado, limpo, em ordem e agradável se os livros, jornais e revistas estão escondidos, guardados, sumidos?

Um ambiente leitor tem que estimular os olhos, aguçar a vontade e a curiosidade, mexer com o desejo do usuário. Estas coisas são possíveis se a vista do leitor alcançar aqui e ali, espalhados no espaço, capas de livros, livros dispostos em “cantos”, revistas disponibilizadas, recortes de artigos e outros textos informativos expostos, murais com informações, etc.

Os grandes chefes de cozinha afirmam sem medo de errar que “também se come com os olhos”. Por extensão, podemos afirmar que “também se lê com os olhos”. Pode parecer óbvio, mas não se importe com essa aparente obviedade. De verdade, também se lê com os olhos.

Segunda lição: busque parceiros e cúmplices

Não vista a roupa de salvador da pátria. Não cabe bem nesse tipo de trabalho. Não se isole, não sofra as dores insensatas da solidão. Nascemos na/da relação de pessoas, sobrevivemos e crescemos, em todos os sentidos, na de-

pendência de outras pessoas. Somos, cada um de nós, o resultado do que o mundo é. Nesse sentido, arregace as mangas e busque ajuda, parceiros, cúmplices. Primeiro, veja com quem pode contar entre as pessoas mais próximas, as que se oferecem de cara, de imediato, cheias de vontade. Depois, abra um pouco mais as asas e receba outras pessoas, da comunidade.

Sempre haverá por perto, ou nem tão perto como desejaríamos, alguém disposto a ajudar e oferecer alguma contribuição. De repente, não mais que de repente, aquela pessoa que está sempre por ali, esticando os olhos nas coisas que você faz sozinho/a, pode ser um excelente contador de histórias ou um hábil marceneiro que terá prazer em ajudar a arrumar a estante desconjuntada que vocês receberam de doação e está meio inutilizada por falta de pequenos reparos. A vida é assim: pequenos reparos são quase sempre grandes consertos. Aprenda a botar reparos com os olhos nas pessoas que estão por perto. Um por todos e todos por um, já pregavam sabiamente os bravos mosqueteiros.



Terceira lição: faça marketing do seu projeto, do seu trabalho, do seu espaço

É bom cantar e contar ao mundo a qualidade do seu trabalho. Chamar a atenção dos outros para o seu projeto é afirmar a identidade do trabalho, é dizer bem claro “olha, nós existimos, nós temos vida própria, nós estamos aqui!”. Quem não é visto não é lembrado, quem não é lembrado não existe. Faça o marketing, venda o seu trabalho, o seu gosto naquilo que faz, a crença em um bom projeto. Esta é a melhor maneira de chamar a atenção dos outros, de voluntários, de parceiros, de patrocinadores.

Quem está vivo aparece, manda notícias. Invente um nome, crie um slogan e uma logomarca. Peça ajuda, faça concursos, envolva outras pessoas nessa tarefa. Será muito bom para os envolvidos no projeto se, na comunidade mais próxima ou nem tão próxima assim, todos reconhecerem e derem nome ao seu trabalho, com cpf e rg, com cara, nome, marca e identidade própria. Nesta época de consumidores vorazes por marcas e grifes, nada mais atual e pertinente do que criar uma história para o seu projeto, iniciando com o registro do nome e tirando a carteira de identidade.

Quarta lição: quebre a rotina

Ah! é verdade: para tudo na vida há uma rotina estabelecida. Da forma habitual de dormir ao jeito de amar, quase tudo cabe nas dobras insossas da rotina. E não há nada mais superficial, sem sal e açúcar, do que a rotina. (Talvez por isso, tenhamos tanto ojeriza à expressão “criar o hábito da leitura”). Vá lá: é impossível viver sem uma rotina. Correto. Mas deixemos essas coisas da rotina para as atividades que não cheiram nem fedem, tipo fazer chamada dos presentes, recolher livros devolvidos, espanar o pó, fechar portas e janelas, etc.

Nada mais triste do que a predominância da rotina nas atividades de estímulo à leitura, nada menos prazeroso, nada menos glamouroso. Invente, crie práticas diferentes. Leia, pesquise, pergunte, troque idéias com outros parceiros, inverta a ordem das coisas, misture idéias, abra os olhos para outras práticas. Lembre-se dos versos da bela música de Cazuza, “O Nosso Amor a Gente Inventa”. Inventa pra se distrair... Distrair não no sentido de perder a atenção; ao contrário, no sentido de reter a atenção, de buscar novos prazeres, novos modos de viver.

Um belo dia, um leitor ainda meio sonolento chega ao espaço de leitura e encontra um baú enorme, desconhecido, fechado, bem no meio da sala, com

um pequeno cartaz onde se lê “tesouro do pirata dos três olhos” ou então, ainda sonolento e mal acordado, o leitor chega e encontra todos os livros de cabeça para baixo ou então, menos sonolento do que nos outros dias, o leitor chega e vê logo na entrada um cartaz com a informação “semana de promoção: leve três, leia quatro e pague apenas com conversa”.

E por que não convidar o Harry Potter para ser entrevistado ao vivo e em cores, com dia e hora marcados? Vire-se e acerte uma agenda com o bruxinho, afinal, em terra do tudo é possível, nada é impossível.

Quinta lição: nada escapa a um bom dedo de prosa

Conversar é bom, faz bem para a alma e para a inteligência. Conversar faz circular as idéias, troca os pensamentos de lugar e de dono, mistura novos conhecimentos com os saberes mais antigos. Amolece a sabedoria cristalizada e faz circular sangue novo no corpo do conhecimento. Conversar é uma das práticas mais antigas do ser humano, uma das grandes diferenças entre nós e os outros animais. Conversar é usar a língua, esse poderoso instrumento de tecnologia inventado pelos humanos milhares de anos atrás. É deslocar os significados de um lado para o outro, criar novas sensações e modificar sentimentos. Conversar é atualizar as verdades, é recuar o tempo, é acrescentar informações, é dividir visões diferentes de coisas iguais. Conversar é crescer.

Pode-se conversar por diversas razões, por diferentes motivos, com variações de intensidade. Pode-se conversar também sobre aquilo que se leu, ampliando os sentidos, alterando rotas dos significados, circulando novos conhecimentos, abrindo os olhos ou simplesmente trocando prazeres num dedo de prosa. Conversar é uma extensão natural da leitura. Conversar sobre o material lido é um prolongamento da delicadeza da sabedoria humana. Converse, meu caro incentivador de práticas de leitura, mesmo que seja quebrando o silêncio de outros leitores.

Sexta lição: dê o exemplo. Ninguém ensina bem aquilo de que não gosta

Pode parecer uma bobagenzinha à toa, mas não é. Gostar das coisas que se quer ensinar é muito importante. A razão fundamental desse princípio é elementar: os aprendizes desconfiam de quem ensina sem gostar. No fundo,

persiste aquela dúvida “se até quem tem a obrigação de ensinar não gosta, por que eu tenho que aprender?”

O professor Paulo Freire, um dos maiores educadores do nosso país, reconhecido internacionalmente, falava de uma amorosidade no ato pedagógico, um prazer que acompanha ou deveria acompanhar todo ato de ensinar. Por isso, parece claro: se você não gosta de ler e torce o nariz quando precisa ler alguma coisa, dificilmente dividirá com outra pessoa um prazer que não tem, tampouco contagiará alguém com um sentimento prazeroso que não sabe experimentar nem viver.

Por outro lado, gostar de ler, aprender a ler e descobrir a necessidade de saber ler são práticas que podem ser aprendidas. Ninguém gosta daquilo que não conhece e só conhece tais práticas entrando de cabeça nelas. Assim como o diálogo do aprendiz de natação é com a água, o diálogo do aprendiz de leituras é com os textos. Aprende-se a ler e a gostar de ler lendo.

Sétima lição: tudo pode ser lido

O que pode ser lido? Se você ainda não descobriu a resposta para essa pergunta, sente-se, com calma, tome um gole de água fresca, abane-se e ouça: tudo. Qualquer coisa escrita, impressa ou eletrônica. Não há fronteiras entre o que pode e o que não pode ser lido. De um bilhete de amores rancorosos a um tratado de filosofia, passando por bulas de remédio, tudo pode – e deve, na medida do tempo, do espaço e do interesse – ser lido.



De cada material lido há de se tirar o que o texto permite, empresta, doa, sugere, conversa, instiga, instrui, informa. Cada texto tem uma cara e uma identidade, um jeito de apresentar. Nos mais longos, pode-se ler a paciência de aprender aos poucos; nos mais densos, pode-se ler a calma da construção paciente; nos brevíssimos, pode-se ler a profundidade das coisas superficiais. Nos informativos, há que se ler algumas razões práticas da vida; nos informais, há que se descobrir que nem tudo é tão profundo como pensamos; nos mais bem acabados, há que se ler a mão dos homens sempre presentes na construção de nossa cultura.

Um texto, um cheque bancário, um recado na parede, uma pichação, um prontuário médico ou as deliciosas memórias do escritor colombiano Gabriel García Márquez, qualquer que seja ele, nos dá pistas da vida, da diversidade dos saberes, da riqueza da pluralidade, dos múltiplos pedaços da experiência da humanidade. Um artigo assinado, no jornal diário, pode nos tirar o sono da manhã. Um livro de memórias pode alertar nossas lembranças esquecidas. Um cheque devolvido por falta de fundos põe as evidências da vida diante de nós. Uma dessas tantas crônicas sem assinatura que circulam na rede eletrônica, menos do que querer saber se há verdades ou não naquele anonimato, nos instiga a pensar sob aquele outro ponto de vista. Como uma grande antena parabólica, deixe-se receber todos os textos possíveis. A prática da leitura determinará, aos poucos, a seleção do que ler. Sem pressa. A pressa, nesse caso, só cabe se for para descobrir o prazer que rola na vida dentro dos textos.

Oitava lição: qualquer um pode ser usuário leitor

Qualquer um pode chegar, tomar lugar e viajar nas ondas do seu espaço leitor. Não cobre pedágios, passagens, tíquetes, impostos, taxas.

Uns chegarão cedo, com a umidade da manhã, outros com os olhos mal-dormidos, alguns com a pressa do atraso. Uns chegarão sem perguntar nada e outros, desconfiados, chegarão perguntando tudo, inclusive se há pagamentos a serem feitos por freqüentar o espaço. Uns chegarão mais para ouvir e depois perguntar e depois ler.

Outros chegarão para ler, ler, ler. E nunca perguntar, pois preferem conversar com o texto. Outros passarão ao largo, distantes. Uns entrarão de cabeça. Alguns farão anotações e deixarão os olhos perdidos na imensidão das coisas não aprendidas. Uns chegarão pequenos, crianças assustadas diante dos tesouros do mundo; outros chegarão adultos cansados de tanto procurar

saberes. Uns chegarão com paciência para ensinar e outros chegarão impacientes para aprender.

Todos buscando descobrir o que poderá haver de novo no espaço de encontro de homens e textos, de leituras e conversas, de ensino e aprendizagem. Todos leitores das possibilidades. Todos possíveis leitores.

Nona lição: tenha poucas regras para o funcionamento e pouquíssimas ou nenhuma para o resultado da leitura

Bibliotecas, salas de leitura e similares quase sempre foram sinônimos de organizações cheias de regras e controle. Foram, hoje não mais o são. O que se privilegia atualmente é a simplicidade das regras de funcionamento. Claro que não estamos abolindo as regras de convivência, sempre necessárias em se tratando de relações humanas.

Mas não devemos promover a excelência das regras e do controle em detrimento do uso, do manuseio, do acesso. Facilite o acesso, o empréstimo. Estimule a observação, a curiosidade, a tentativa de busca própria e escolha do material de leitura. Aproxime-se com cautela, não afugente o leitor iniciante com regras duras e inflexíveis. Uma semana para devolver um livro emprestado. Por que não deixar o leitor escolher o tempo que acha necessário para poder ler? Os horários não coincidem? Por que não criar um sistema de devolução por caixas de coleta, por exemplo?

Flexibilizar as regras e discuti-las com a própria comunidade, responsabilizando também os leitores pela criação e respeito de novas regras de funcionamento pode ser uma boa saída.

Quanto ao resultado da leitura, não se preocupe. O sujeito leitor vai se fazendo aos poucos e em ritmo próprio. Oferta, estímulo, continuidade, persistência, liberdade de escolha e oportunidade de diálogo vão fazendo a sua parte.



Óculos de Leitura

Não existe forma, método, fórmula ou suporte técnico único para colaborar na criação de um ambiente favorável à leitura. Pode ser um livro, um sorriso, uma música, uma idéia, uma história, um conto, uma palestra, a expressão simpática e sempre bem-humorada, uma visita, uma atitude atenciosa, uma resposta oportuna, uma informação ainda não solicitada, um gesto solidário ou uma atitude dinâmica em busca de soluções. Também importante para a criação desse ambiente adequado à leitura é a atenção dada ao local, à sua organização e manutenção – variantes que pedem soluções criativas, conferindo aos espaços externo e interno da escola e da biblioteca um aspecto agradável que se renova e é convidativo.

Lucila Martinez e Gian Calvi – *Escola, Sala de Leitura e Biblioteca Criativas – O Espaço da Comunidade*. Editora Global, SP. 2004, 4ª edição, pág. 24.



Décima lição: ajude a tirar do pedestal a cultura e a leitura

Invada a catedral e arranque a aura de sagrado dos livros e da cultura letrada. Foi-se o tempo em que o entendimento de cultura ficava restrito ao conhecimento e apropriação de saberes artísticos, literários, musicais, livrescos, etc. Culta era a pessoa que falava bonito, que esnobava informações que poucos tinham, que vivia rodeada de livros por todos os lados, cultuando-os como se fossem o próprio saber e o máximo da cultura.

Hoje, todos sabemos que cultura se faz a toda hora, todo momento, cultura é o resultado da relação do homem com a natureza e com outros homens. Fazemos, vivemos, temos, mudamos e transformamos cultura cotidianamente, qualquer que seja nossa origem, nosso credo, nossa raça e o nível de escolaridade. Nesse sentido, livros, jornais, revistas e acesso à comunicação escrita eletrônica são peças do nosso cotidiano com as quais devemos conviver naturalmente.

Pense assim: um livro, um artigo ou reportagem de jornal e uma matéria de uma revista informativa só têm sentido quando são acessados por alguém, quando alguém põe os olhos nas informações e transforma aquele punhado de letras, palavras e frases em alguma coisa com significado. Leitura não é para poucos: leitura é para todos (por princípio deve ser).

Nosso país tem um dos mais baixos indicadores de alfabetização e de leitura, e isto não pode ser creditado exclusivamente à falta de material de leitura. Escolas, salas de leitura e bibliotecas públicas com razoável acervo vivem às moscas, por falta de leitores. Portanto, acione o estimulador de leitura, entre na parada e chame o povo para experimentar novos sabores.

Décima primeira lição: cuidados poucos e necessários com equipamentos e material de leitura

O planejamento e a colocação em prática de um projeto de formação de leitores, ocupando um espaço e usando equipamentos e materiais, pressupõem, evidentemente, um mínimo de atenção e cuidado com o material.

Todos sabemos o quanto as coisas custam e quão cara é a manutenção de muitas delas. Também sabemos que o uso e manuseio de materiais e equipamentos vão causando a perda de qualidade física desses materiais e equipamentos. Como isso é quase impossível – salvo se fecharmos em uma sala guardada a sete chaves todo o equipamento e material –, você tem que tomar alguns cuidados.

O primeiro deles é convencer cada um dos usuários a ser ele próprio o dono momentâneo daquele equipamento e material, preservando-o como se fosse seu. Convencê-lo de que outras pessoas poderão usar e aproveitar.

Outra dica é manter o espaço sempre em ordem, limpo, agradável. Isso dá sensação de responsabilidade, noção de importância. Espaço organizado, além de facilitar o acesso ao material, certamente permite a guarda imediata. O material não fica “perdido e solto” no espaço. Espalhe pelo espaço, sem ser agressivo, petulante e autoritário, cartazes com orientações e dicas de uso, manuseio, controle, a guarda e devolução. Tipo “Conserve bem o livro que está com você. Outras pessoas também poderão sentir o mesmo prazer na leitura”. Encontre a medida ideal entre um controle e a guarda responsáveis sem ferir a iniciativa e a disposição do leitor em buscar novos materiais. Quem ama cuida, diz um dos provérbios mais populares entre nós, apreciadores da voz e da sabedoria do povo.

Décima segunda lição: quanto vale uma boa idéia

Uma idéia vale muito. Uma boa idéia não tem preço. Uma boa idéia não é para ficar guardada do lado esquerdo do peito, nem nas dobras do cérebro, tampouco trancada sob sete chaves. Uma boa idéia é para ser colocada em prática, a serviço das pessoas, para o bem-estar coletivo. Boas idéias não apreendem assim, do dia para a noite, num estalar de dedos. É preciso vasculhar, garimpar, caçar e procurar, como se procuram tesouros perdidos: com lupas, com mapas, meticulosamente, com detalhe, com atenção, com paciência.

Uma boa idéia pode surgir do nada, mas pode surgir também da confluência de vários fatores, tais como olhar as coisas pelo avesso, revirar o outro lado, fazer perguntas diferentes com frequência, habituar-se a fugir da rotina, pensar sempre em soluções diferentes, encomendar palpites, etc.

Uma boa idéia é companhia contínua de pessoas e processos criativos. Pessoas e processos criativos convivem muito bem, e diariamente, com a inconformidade, com a desacomodação, com o prazer de inventar, de perguntar, de descobrir. Boas idéias surgem nas mentes curiosas, corajosas e ousadas, que gostam de arriscar na construção de novos caminhos, novos lugares.

Ter boas idéias é uma fonte inesgotável de prazer, responsável pela presença do bom humor, porta aberta continuamente para outras boas idéias. Mentis curiosas, corajosas e ousadas apostam sem medo de perder, pois sabem que quase sempre ganham, que por trás, por dentro ou ao lado das coisas mesmas, fechadas, prontas, chatas e rotineiras certamente há outras mais interessantes, mais valiosas, diferentes, atrativas. Então, conforme-se com a inconformidade. Arrisque e crie. E divulgue ao mundo uma boa idéia, pelo menos uma vez por dia. Pratique esse esporte.

Décima terceira lição: seja um bom negociador, um adepto do diálogo

Pense bem: grande parte do sucesso das atividades de leitura e de formação dos leitores do seu espaço dependerá de você, de sua atuação, de sua performance.

Em uma das lições anteriores tentamos convencê-lo de que quem não gosta de ler não conseguirá ensinar outra pessoa a gostar. Agora, o que estamos propondo é que você seja um bom negociador, um bom realizador de negócios, no sentido de realizar trocas, diálogos, aceitar e propor novas

Gil & Elô

Gil,

Ouvi uma notícia no rádio e vim correndo lhe escrever (já que não consigo falar com você por telefone, né?...rs...). Olhe só: uma professora criou, no Maranhão, a "bibliojegue". Já imaginou o que seja isso? Pois é, uma biblioteca itinerante, levada por um jegue, dia sim, dia não, a vilarejos sem acesso nenhum a livros. Os resultados têm sido fantásticos! Que imaginação, hein?! Lembra, uma vez, que a gente visitou aquele rapaz que criou uma biblioteca comunitária no barraco em que morava, numa favela de São Paulo? Quanta iniciativa criativa! Sabe, uma amiga minha, professora de Português, está organizando um grupo de alunos da escola dela, que prepararão um material especialmente destinado a pessoas com dificuldades de aprendizagem – distúrbios e deficiências visuais, por exemplo. Eles vão gravar textos que possam servir para essas pessoas ouvirem, fazerem exercícios de linguagem, aprenderem História do Brasil e também pra se divertirem. Legal, né?! É, você já está adivinhando – estou, sim, com vontade de organizar algum jeito para incentivar mais pessoas a lerem. Pensei em conversar com o gerente de um supermercado pertinho de casa e com o pastor de uma igreja também pertinho. Quem sabe, eles me ajudem a organizar um espaço com livros, vídeos e outras "coisitas". Você me ajuda?

Elô

Elô,

Que ânimo, menina!!!

É, alguns têm um cantinho pra ler, uma cadeira gostosa, um tapete macio. Mas não é todo mundo que tem. E muito menos têm uma "bibliojegue"! Uns até possuem as condições físicas, mas não sabem desfrutar desse prazer. Complicado...

Eu estou aqui pensando: como foi que a leitura se tornou parte da minha vida?

Você já sabe que a minha família é muito simples e, deles, eu só recebi a matrícula na escola pública da cidade. Daí em diante, foram professores que davam uns textos na cartilha, no livro didático, algumas vezes em um livrinho que chegava da prefeitura. Depois, no ensino médio, o professor Lourival de Moraes, de literatura, trazia os próprios livros da casa dele pra gente ler. Aí é que me vi diante das maiores descobertas: Machado, Drummond, Clarice. Daí em diante, tudo que me caía às mãos eu devorava. Acho que é isso: alguém dá um empurrão, e a gente vai escorregando leitura adentro. Seja de jegue, de barco, de ônibus ou pelas ondas da internet. Todo mundo diz que ninguém mais lê, que a televisão substituiu o livro, etc. e tal. Em parte, é verdade. Então, é preciso fazer alguma coisa. Acho que você está sentindo isso – e eu posso ajudar, sim. Vamos marcar um encontro?

Gil



idéias. Em sendo assim, caberá a você uma posição de total predisposição ao diálogo, à conversa, à troca.

Receber, sempre e primeiro, e depois propor. Dessa forma, é bom que você conheça os seus interlocutores, que saiba do que eles gostam, que faça indicações pertinentes, que respeite suas posições e comentários. Aos poucos, vá alterando esses limites e propondo outros horizontes. Quem só gosta de ler romances policiais deverá um dia ouvir uma sugestão sua, uma observação, uma proposta de nova leitura. Um livro de poemas, por que não? Vá com calma. Devagar se vai ao longe, é verdade, mas não tão devagar. Apresse quando necessário e quando sentir que a hora é chegada.

Dê ao seu leitor a segurança de um caminho conhecido, mas não esqueça de propor a ele abertura de novos caminhos. Saiba que, em matéria de diálogo, de negociação de idéias, às vezes é preciso recuar, tomar impulso e depois saltar, ganhando o que estava perdido. E saiba também, talvez essa a maior de todas as recomendações: ninguém é tão obtuso que nada saiba e ninguém é tão culto que tudo sabe. Há aprendizagens em qualquer diálogo, de um lado ou de outro.

Respeite os silêncios. Há silêncio que vale por muitas páginas. Dentro de um silêncio pode caber uma dúvida de toda uma vida. E, sobretudo, esteja sempre aberto para ouvir, para ler, para sugerir, para receber novas propostas. Quando um leitor o procura e abre o diálogo, eis aí a chave para um bom negócio. Quanto melhor o negócio for para o seu leitor, mais vezes ele voltará ao local em que as circunstâncias lhe são favoráveis.

Décima quarta: amplie o acervo indo à luta

Veja bem, nessa questão de ampliação do acervo, deve-se ter uma coisa bem clara: biblioteca, sala de leitura ou espaço de leitura não devem ser confundidos com depósito de bugigangas inúteis.

É muito comum que as pessoas, de modo geral, em sua simplicidade ou apoiadas num certo pouco apreço pelo livro, doem todo tipo de coisas inúteis, ultrapassadas, rasgadas, para a biblioteca, quando em campanha de ampliação de acervo.

Nada mais desalentador para quem é usuário do espaço do que receber um punhado de inutilidades. No fundo, a imagem que passa é que o espaço de leitura é também inútil e tem mais a cara de um depósito de coisas inservíveis do que um pedaço dinâmico da nossa vida, onde o conhecimento pode ser construído cotidianamente.

Uma das formas de evitar isso é organizar uma campanha de ampliação de acervo apresentada aos possíveis colaboradores/doadores por uma carta na qual haverá a descrição do trabalho, a importância da leitura para as pessoas e que tipo de material cabe na doação.

Agindo assim, você estará ajudando os possíveis doadores a valorizarem mais o material de leitura e orientando a sua doação, além de deixar implícita a qualificação do seu trabalho. Uma coisa é doação do tipo “qualquer coisa serve”; outra coisa é esclarecer “precisamos de tais materiais” ou “precisamos e gostaríamos de receber, se possível, tais e tais materiais”. De qualquer forma, ampliar o acervo deverá sempre estar presente no seu horizonte, e tenha a certeza de que há muita gente com vontade e condição de ajudar, de modo produtivo.

Décima quinta: envolva as pessoas, mas não se esqueça de que há outras coisas gostosas na vida

Envolva as pessoas. Não seja um solitário por convicção ou conveniência. Saiba que entre todos os animais, somos os que mais sabem do prazer – às vezes da dor, claro – de viver em conjunto.

As pessoas respondem bem quando são convidadas ao convívio, à colaboração, à solidariedade. Envolve-as, convide-as para participar do processo de formar e/ou de formar-se leitor. Chame-as para dedicar um pedaço do seu dia às práticas da leitura, seja lendo, seja conversando, seja organizando, seja ouvindo, seja escrevendo, seja preparando o espaço.

Ler e ensinar a ler envolve as pessoas. Todos gostam do brilho de fazer, de ajudar, de estar junto, de ver crescer. Mas... não se esqueça: a vida tem outras coisas boas. Não perca isso de vista, até para poder vibrar com seu trabalho de formador de leitores e mediador de leituras.

Décima quinta e meia: vai que é sua!

Agora é com você. Cumpra o roteiro ou desfaça-o. Mude as lições. Troque as dicas, reorganize-as. Aproveite o que você acha bom. Adapte-se e adapte as lições à sua prática ao seu espaço. Seja sujeito do seu trabalho. A décima sexta lição é de sua competência. A décima sétima também. A décima oitava... Vai que é sua, companheiro/a!

A pretexto de conclusão, outro início de conversa que abre mais uma leitura, que abre outra leitura, que...

Esta é uma leitura inicial, um começo, um ensaio. Muitas possibilidades poderão ser abertas e criadas. Está em suas mãos: arrisque-se diante do inédito. Vá em frente, acreditando que dias virgens virão para serem preenchidos com novas experiências. Escolha as boas, as intensas.

Faça do seu trabalho uma leitura rica a serviço de outras leituras, outras pessoas, outro mundo possível e desejado. Visite sites, vasculhe prateleiras, estantes, arquivos. Pergunte, escreva. Peça opiniões, palpites e sugestões. Converse com outras pessoas, com outras leituras.

Trabalhe lendo. Faça, você mesmo, o roteiro do seu trabalho, do seu projeto. Seja sujeito de sua prática, de suas inaugurações.

Uma leitura abre outra leitura, que abre outra leitura, que abre... uma história meio sem-fim.





Instituto 

www.institutocea.org.br

